

Gênio inviável

O que Nelson Rodrigues
pensaria e escreveria nestes tempos
de polarização política e
patrulhamento dos costumes?





EDITORIAL

Nelson Rodrigues (1912-1980) foi, e ainda é, uma personalidade única da cultura brasileira. Conseguia, e ainda consegue, incomodar esquerda e direita. O jornalista, escritor e dramaturgo deixou um legado desafiador, instigante, atualíssimo, um tanto incompreendido, porém, de inegável consistência.

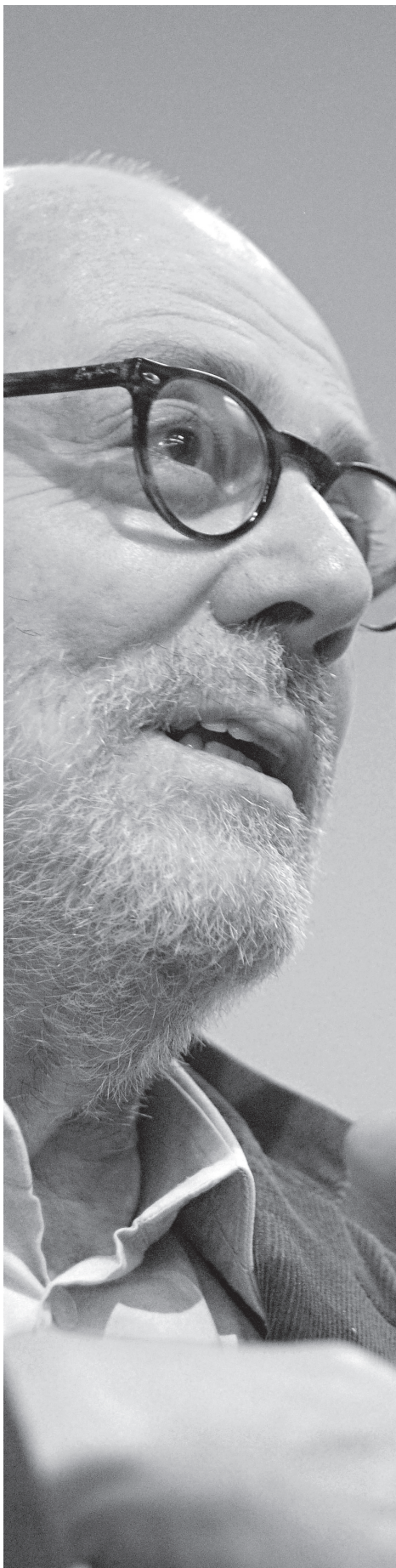
Quase 40 anos após a morte de Nelson, o **Cândido** publica um especial, assinado por Alvaro Costa e Silva, o Marechal, a respeito da obra rodrigueana. Na primeira reportagem, Marechal faz uma síntese da produção de Nelson a partir do ponto de vista de autores e intelectuais brasileiros.

O Marechal perguntou aos entrevistados o que Nelson pensaria e escreveria hoje.

As respostas foram as mais variadas. O romancista Alberto Mussa afirma que o escritor, dramaturgo e jornalista atual seria “um conservador humanista ou um capitalista de esquerda”. O ensaísta e cronista Gustavo Nogy acredita que ele manteria a mesma postura: “Liberal demais para conservadores, conservador demais para liberais, repugnante para ambos”. Já o escritor Marcelo Mirisola não tem dúvida: “Nelson seria linchado e queimado em todas as fogueiras, à esquerda e à direita”.

No segundo texto, há uma relação de montagens, edições e traduções da obra do autor, todas — em alguma medida — impulsionadas pela publicação, há 26 anos, da biografia *O anjo pornográfico*, de Ruy Castro, que desencadeou a redescoberta da obra rodrigueana — e em breve vai virar filme e peça de teatro. O especial ainda traz duas páginas com algumas das mais polêmicas frases de Nelson, entre as quais: “Sou reacionário. Minha reação é contra tudo que não presta”.

A quinta entrevista da série “Os Editores” apresenta Eduardo Lacerda. Em conversa com João Varella, ele conta sua saga à frente da Patuá, editora independente que em 7 anos já publi-



Kraw Penas

cou mais de 550 títulos, conquistou alguns dos principais prêmios literários do país e tem como ponto de venda um bar, idealizado pelo “faz-tudo” que já foi camêlo, quis ser professor e aposta no sucesso de seus autores.

Outro destaque da edição é uma reportagem sobre a publicação de *For-te apache*, livro que reúne um inédito e dois títulos já publicados anteriormente por Marcelo Montenegro, paulista de 46 anos. A obra sai com o aval da Companhia das Letras, empresa que edita nomes consagrados da poesia brasileira e internacional, o que deve proporcionar visibilidade à produção de um autor, até o momento, conhecido principalmente por poetas, jornalistas, atores e músicos.

Cândido publica um fragmento do *Roteiro Literário* — *Helena Kolody*, de Luísa Cristina dos Santos Fontes. Projeto da Biblioteca Pública do Paraná, o livro faz parte de uma coleção em que cada título traz um ensaio e uma relação de locais frequentados por um autor paranaense já falecido. Em 2017, a Biblioteca lançou a primeira obra da série, sobre Jamil Sneye, conteúdo produzido por Miguel Sanches Neto. Neste ano, além do volume sobre Helena Kolody, a Biblioteca também edita o *Roteiro Literário* — *Paulo Leminski*, escrito por Rodrigo Garcia Lopes.

O escritor e professor da UFMG Lusi Alberto Brandão apresenta, na seção Memória Literária, um ensaio sobre João Gilberto Noll [foto], morto há um ano. E na seção Cliques em Curitiba, curvas da capital paranaense captadas por Mariana Canet.

Entre os inéditos, poemas de Bruna Kalil Othero e Marco de Menezes e um fragmento do romance *Setenta*, de Henrique Schneider, vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2017. Schneider também concedeu entrevista ao **Cândido** e fala sobre o seu livro, que problematiza a ditadura militar brasileira.

EXPEDIENTE



Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski.

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiário:

João Lucas Dusi.

Diagramação:

Thapcom

Colaboradores desta edição:

Alvaro Costa e Silva, Benett, Bruna Kalil Othero, Guilherme Paixão, Henrique Schneider, João Varella, Luis Alberto Brandão, Luísa Cristina dos Santos Fontes, Marco de Menezes, Mariana Canet e Rafael Roncato.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

Acompanhe o Cândido pela internet:

candido.bpp.pr.gov.br e facebook.com/jornalcandido/

O site www.bpp.pr.gov.br e as redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) divulgam informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR

Horário de funcionamento:

segunda a sexta: 8h30 às 20h

Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CÂNDIDO *indica*

ALGO INFIEL

**Guilherme Gontijo
Flores e Rodrigo
Tadeu Gonçalves, N-1
Edições, 2017**

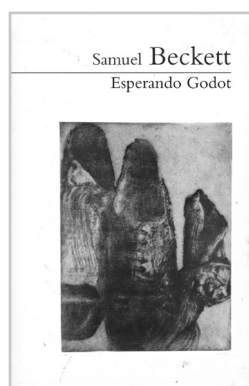
Os professores da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Guilherme Gontijo Flores e Rodrigo Tadeu Gonçalves reuniram em um livro mais de 50 ensaios em que discutem as relações entre texto escrito, sua vocalização e performance. Ilustrado com fotografias de Rafael Dabul, o conteúdo instiga por debater questões desde a antiguidade até o tempo presente. Em um dos textos, há uma “iluminação”: o observador está em um show de Maria Bethânia e fica perplexo pelo fato de a cantora interpretar um clássico de Zezé di Camargo & Luciano, “É o amor”. O estudioso teve que aceitar “aquilo”: uma cantora elogiada pela crítica cantando, performando uma canção, em tese, de gosto duvidoso. *Algo infiel* ajuda, enfim, a repensar as possibilidades, por que não?, mágicas da palavra falada.



ESPERANDO GODOT

**Samuel Beckett, Cosac
Naify, 2005**

Os maltrapilhos Vladimir e Estragon esperam Godot durante um entardecer. A localização é incerta. Uma árvore e uma pedra compõem o cenário. Sobre os dois, sabe-se que usam chapéu-coco e são incapazes de sorrir sem se recriminarem. Godot não aparece, mas os suplicantes se recusam a partir. Entediado, a certa altura, Estragon sugere que se enforquem. Não o fazem. É preciso esperar Godot. A grande tensão entre os personagens se dá com o advento de Lucky e Pozzo, mestre e vassalo, responsáveis por situações absurdas e algum alívio cômico. A aridez da escrita conversa com a desesperança generalizada nesta peça de teatro seminal, obra-prima do existencialismo, escrita pelo irlandês Samuel Beckett.



MINHA MASSA ENCEFÁLICA DESPENCA COMO SE DE UM DESFILADEIRO

**Victor H. Turezo, Patuá,
2017**

Símbolos, referências, memórias e recortes do cotidiano compõem os poemas deste livro de estreia, no qual o eu lírico, que não teme se mostrar frágil e incapaz, funciona como um periscópio a captar impossibilidades — as próprias e daqueles que o cercam, reverberando a dor alheia. São versos sobre a luz que se aproxima e arrefece, sobre os delírios que alimentam o cotidiano mecânico, berrados por um sujeito lírico que desaprendeu a viver, afinal, “tudo não é e deixou de ser”. E nada disso poderia ser diferente, enfim, já que “só é possível cavoucar poesia dentro de corpos/ que não suportam mais”. É assim que o curitibano Victor H. Turezo estreia, com uma poesia confessional, imagética, expondo o desespero de ser humano sem meias palavras.



A DESCOBERTA DA ESCRITA

**Karl Ove Knausgård,
Companhia das Letras,
2017**

Neste que é o quinto livro da série *Minha luta*, o norueguês Karl Ove Knausgård rememora o fracasso que foi sua temporada na escola de escrita criativa *Skrivekunstakademiet*, na cidade universitária de Bergen. Incapaz de lidar com as — constantes — críticas negativas aos seus contos e poemas, Knausgård viveu um período intenso de bebedeira e brigas, colecionando amores fracassados e desafetos. Tudo é narrado com a crueza característica desta série autobiográfica, na qual o escritor não teme expor seus pensamentos mais obscuros e seus atos mais infames, sem medo de se mostrar ridículo e falho, julgando a si mesmo sem complacência.



CURTA DA BPP

Revista Helena de verão



A Secretaria de Estado da Cultura lançou o número 7 da revista *Helena*, publicação trimestral de artes e ideias editada pela Biblioteca Pública do Paraná. A edição traz um bloco de ensaios pautado por propostas e perspectivas para 2018. São três textos — sobre cultura, política e futebol — assinados por Teixeira Coelho, Cláudio Gonçalves Couto e Christian Schwartz, respectivamente. A arte como força transformadora também é tema desta *Helena*. João Almino trata disso em um ensaio que parte da obra de Antonio Candido. Pedro Só também, ao contar a história dos criadores da Flup, a Festa Literária das Periferias. E a reportagem de Paulo Camargo sobre a tradição fotográfica no Paraná mostra como a expressão artística pode mudar as coisas. Além disso, Jotabê Medeiros entrevista o ex-Mutante Arnaldo Baptista, que completa 70 anos em julho. Marcelo Träsel investiga o *boom* gastronômico na cultura e na indústria da informação e do entretenimento. Beatriz Resende lembra do primeiro romance de Sonia Coutinho, que retratou a nova condição da mulher antes de o feminismo voltar à tona no debate público. Rodrigo Garcia Lopes refaz o percurso pessoal e literário do poeta Paulo Leminski. A edição ainda traz uma crônica de Ana Miranda, poemas de Ruy Espinheira Filho, um conto de Márcia Denser, HQ de Allan Sieber, ensaio fotográfico de Eleonize Dezgeniski e dezenas de ilustrações de artistas de vários estados. Todo conteúdo pode ser acessado pelo site <http://www.helena.pr.gov.br/> e é possível retirar seu exemplar — gratuitamente — na Biblioteca Pública do Paraná.



REPORTAGEM

Marcus Steinmeyer

Cenas da cidade do século XXI



A poesia urbana, visual, pop e precisa de Marcelo Montenegro é publicada pela Companhia das Letras no volume *Forte apache*, reunindo um livro inédito e outros dois títulos que saíram anteriormente por pequenos selos

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Com tiragem de 2 mil exemplares, a Companhia das Letras acaba de publicar *Forte apache*, livro de poemas de Marcelo Montenegro, 46 anos. A obra reúne um livro inédito, *Forte apache*, e outros dois títulos que o poeta publicou anteriormente — *Garagem lírica* (2012) saiu pela Annablume e *Orfanato portátil* teve duas edições, inicialmente com o selo Atrito Art, em 2003, e, em 2012, via Annablume.

Marcelo Montenegro afirma que a negociação com a Companhia das Letras teve início há dois anos, por intermediação do escritor Leandro Sarmatz, na época editor na empresa. A princípio, lembra Montenegro, a obra seria uma coletânea misturando inéditos e poemas selecionados dos livros anteriores. “Cheguei a montar a coletânea, ficou bacana e tal, mas aí comecei a pensar: poxa, meus dois primeiros livros são curtos, saíram por editoras pequenas e estão esgotados. Então sugeri essa forma que o livro adquiriu: os três livros na íntegra, cada um apresentado como um capítulo”, conta.

No entanto, Leandro Sarmatz saiu da Companhia das Letras para fundar a editora Todavia, ao lado de outros editores. “Na minha cabeça, a saída do Sarmatz encerrava o processo, mas a Alice Sant’Anna, que eu já conhecia também, de alguns eventos literários e, claro, por sua poesia, de que gosto muito, assumiu o lugar dele [Sarmatz]. Ela me mandou um e-mail perguntando se eu ainda não tinha fechado com ninguém, porque a editora tinha interesse em prosseguir com o projeto, e cá estamos”, comenta Montenegro, ressaltando estar feliz por ter sua poesia publicada pela Companhia das Letras.

A casa editorial de Luiz Schwarcz conseguiu comercializar 140 mil exemplares de *Toda poesia*, de Paulo Leminski, e tem no catálogo, além de nomes consagrados do Brasil e do exterior, um seleto grupo de poetas brasileiros vivos, entre os quais Armando Freitas Filho, Paulo Henriques Britto, Marília Garcia, Angelica Freitas, Ana Martins Marques, Eucanaã

Ferraz e Fabricio Corsaletti. Montenegro tem consciência de que, a partir de agora, sua poesia terá mais visibilidade. “Ao mesmo tempo, isso não significa que meu trabalho vai automaticamente chegar às pessoas”, pondera.

O poeta analisa que o mercado editorial é uma grande loteria. Ele, inclusive, considera a situação dos *best sellers* bastante relativa. Um livro, salienta Montenegro, pode vender bilhões de exemplares hoje e “depois de amanhã ninguém mais sabe do que se trata”. “Ao passo que uma obra como *Flores do mal* (1857), de Charles Baudelaire, pode seguir ‘vendendo mal’ há mais de 100 anos”, relativiza.

Manoel de Barros underground

O poeta Ricardo Chacal, 66 anos, salienta que a poesia de Marcelo Montenegro já devia ter sido publicada há tempos por uma grande editora. “Os poemas dele são enxutos, possuem uma força imagética fortíssima e, ao mesmo tempo, ao avesso dos *beats*, seu verso é seco. Sua viagem é pop. Há uma coleção de flashes poéticos de coisas inúteis, descartáveis, que servem para a poesia. Marcelo é um Manoel de Barros *underground*”, define Chacal, veterano da geração mimeógrafo, autor, entre outros, de *Muito prazer* (1972) e *Tudo e mais um pouco: poesia reunida* (2016).

De fato, a exemplo do que Chacal observa, há uma série de flashes poéticos, de coisas inúteis, descartáveis, que servem para a poesia nos textos de Montenegro. O poema “Bruxismo” apresenta flashes poéticos, entre os quais: “Um pote de raiva esquecido no sótão”, “Um deus discotecando instantes” e “Uma adega de ausências que o tempo elabora”.

A viagem pop de Montenegro, mencionada por Chacal, pode ser conferida no primeiro fragmento do poema

“Ensaio”: “Nelson Cavaquinho é o Ingmar Bergman do samba;/ AC/DC, os James Browns do metal;/ Marcelo Nova foi o Toquinho do Raul;/ o seu Francisco (a duas quadras daqui de casa)/ é o Shakespeare dos pastéis; Ramones/ são Beatles arruaceiros; Faulkner, um pedreiro/ experimental; Lou Reed é um Frank Sinatra/ roto; Carver é Hopper (em formato conto);/ Tom Zé é um misto de Marcel Duchamp/ com Jackson do Pandeiro; Seinfeld é Homero”.

Outras características da poesia de Montenegro destacadas por Chacal, como força imagética e texto enxuto, estão presentes, por exemplo, na segunda parte de “Ensaio”: “Beatles é uma perfeição/ a que a humanidade/ raramente chega./ É Tchekhov, Rilke, Pelé/ e Coutinho, Nonas/ Sinfonias, Ilíadas, Catherine/ Deneuve, pirâmides/ egípcias de três minutos”.

O cantor e compositor Leoni acrescenta que Marcelo Montenegro sabe encontrar poesia em qualquer detalhe do cotidiano. De acordo com Leoni, Montenegro desenterra lirismo de onde não se espera. “Sua poesia, aparentemente simples, é cheia de referências e apropriações, sem que jamais se torne arrogante. Ao contrário, misturadas ao ‘enroladinho de presunto e queijo’ e aos personagens da Corrida Maluca, às infinitas canções que tocam no fundo dos seus versos, tornam sua poesia ainda mais íntima, afetiva e surpreendente”, completa.

A imagem mencionada por Leoni, “enroladinho de presunto e queijo”, e os personagens da Corrida Maluca — “Penélopes Charmosas. Dick Vigaristas” — aparecem em “Poema estatístico”. Já as infinitas canções, elas estão presentes em praticamente toda a poesia de Montenegro. >>>



O livro *Forte apache* e o álbum *Tranqueiras líricas* fecham um ciclo (e abrem outro) no percurso do poeta Marcelo Montenegro.



REPORTAGEM

Tranqueiras líricas

Ainda em 2017, Marcelo Montenegro lançou *Tranqueiras líricas*, um álbum com 16 faixas que registra e celebra o espetáculo homônimo que ele realiza desde 2005. Acompanhado do guitarrista Fábio Brum, o poeta diz seus textos. Leoni é um apreciador das apresentações de Montenegro. “O Marcelo e o Fábio Brum inventaram algo novo. Os poemas dele [Montenegro], já bastante musicais, viram quase letra de música acompanhada de instrumentos. A abordagem dos dois, da parceria poesia/música, inova no sentido de que não há a usual preponderância da primeira sobre a última. Não se trata de um fundo musical, mas de uma outra potência, com outros significados que se agregam aos versos falados como se tivessem sempre existido juntos”, define o cantor e compositor, autor dos *hits* “Só pro meu prazer” e “Garotos II”, entre outras canções.

Tranqueiras líricas, de acordo com Montenegro, é um espetáculo em que ele diz seus poemas ao som de blues, jazz e rock’n’roll. “E quando falo ‘digo meus poemas’ é exatamente isso: sou basicamente tímido. Portanto, discreto. Portanto: não faço ‘performance’, apenas digo meus poemas. E, ao longo desse tempo, evolui no diálogo com os músicos, as pausas, as inflexões de voz”, afirma.

Mas, independentemente do espetáculo, Montenegro ressalta que todos os seus poemas são escritos, primeiro e sobretudo, para o papel — para serem lidos. A música, no entanto, sempre teve importância ‘literária’ para o poeta. “Então, o cuidado com o ritmo, por exemplo, é algo crucial no meu processo de escrita. Uso rimas também, não tenho o menor problema com elas. Por conta disso, muitos dos meus poemas também funcionam falados”, explica.



Acompanhado do baixista Diego Basanelli (esq.), do baterista Rick Vechionne e do guitarrista Fábio Brum, Marcelo Montenegro apresentou *Tranqueiras líricas* no SESC Consolação (SP) em 2011.

O trabalho de dizer os poemas em palcos, acompanhado de músicos, resultou, nas palavras de Montenegro, em algo com vida própria — “tanto que acabou de sair o álbum *Tranqueiras líricas*”. Então, continua o poeta, é natural que algumas pessoas pensem que ele escreve poemas para serem falados: “Mas tem uma coisa: não são todos que soam bem falados. É preciso estar atento a isso. Tem vários que nunca falei em público, porque, no meu entender, funcionam apenas na página”.

Refazer o mundo

Montenegro tem a sensação de que, com o álbum *Tranqueiras líricas* e a publicação de *Forte apache*, fecha-se um ciclo em sua trajetória: “Afim, trata-se da reunião de todos meus poemas e o registro, em estúdio, de meu projeto em parceria com o Fábio Brum”.

O título do livro também é importante para o poeta. Primeiro, ele explica, porque forte apache era sua brincadeira de infância preferida: “Eu passava horas brincando sozinho. E tem essa coisa de você ter diante de si centenas de peças para montar/ inventar mundos, etc. Então, nesse sentido, achei que funcio-

naria bem como título da trilogia, e não só do livro em si”, comenta Montenegro, acrescentando que, para ele, a literatura é uma espécie de continuidade lógica dessas brincadeiras solitárias da infância — “como a frase do François Truffaut que uso num poema: de ‘refazer o mundo com os nossos brinquedos’”.

No texto da orelha de *Forte apache*, Chacal diz que Montenegro é um artista atento aos detalhes — e outros leitores da obra do poeta também dizem o mesmo. Montenegro, por sua vez, afirma que sua poesia é urbana e cinematográfica. “Trabalho com detalhes, com pequenas cenas e sensações, uma coisa meio *Short cuts*, do Robert Altman. Digamos, nesse sentido, que eu esteja mais para Plo- tino, para quem a beleza está na parte, e menos para Aristóteles, para quem a be-

leza está no todo”, teoriza, para em seguida acrescentar: “Como eu vivo brincando, acho que meus poemas estão em algum ponto entre João Cabral de Melo Neto e Jerry Seinfeld”.

Montenegro conta que, antes de escrever um poema, observa, imagina, anota e vai construindo: “No caso da feitura dos poemas, embora eu mexa quase todos os dias nos textos em que estou trabalhando, é um processo no geral bastante lento — basta ver a distância de publicação entre meus livros. Nunca fiz um poema que saísse de cara, isso é impensável pra mim”.

Ele ainda observa que, ao escrever poemas, trabalha como se fosse um editor, por subtração, “cortando, cortando e cortando”. “Um amigo poeta, aliás, me disse uma vez que não gosta de mexer no que escreve. Segundo ele, o texto perde a espontaneidade inicial”, comenta Montenegro, que brincou com o amigo, “falando seríssimo”, que ele, Montenegro, mexe nos próprios poemas que nem um condenado justamente para chegar a essa “espontaneidade inicial”. Tem um verso de uma letra que Montenegro escreveu para a amiga e cantora Vanessa Bumagny que endossa essa atitude e diz o seguinte: “Ensaiai até parecer que é improviso”.

Montenegro garante que, a exemplo de um dos destaques de *Forte apache*, “Poetas moram dentro de seus poemas”, ele habita seus textos poéticos. O poeta, inclusive, leu recentemente uma entrevista de Kendrick Lamar, e se apropria de uma resposta do rapper norte-americano para definir seu processo de criação: “São pedaços de mim. E como executo isso é o desafio maior. Você tem que ser muito cuidadoso. Essa merda pode se espatifar se não for executada direito”. ■

MEMÓRIAS DE UM OPERADOR DE LUZ

Marcelo Montenegro nasceu e vive em São Caetano do Sul (SP). Formado em História, com pós-graduação em Comunicação e Semiótica, trabalha desde os 14 anos. Já atuou em fábrica de boné de fundo de quintal, consertou e instalou interfones, foi vendedor em loja de discos, deu aulas de História e, há uma década, é roteirista e criador de séries de ficção para a TV. Tem trabalhos em algumas das principais produtoras do país, como O2 Filmes, Mixer, Globosat e Bossa Nova.

Durante algum tempo, também atuou como iluminador e operador de som em teatro, trabalhando com diretores como Fauzi Arap, Mário Bortolotto, Hugo Possolo, Fernanda D’Umbra e Marcelo Rubens Paiva.

Em *Forte apache*, há um poema chamado “Memórias de um operador de luz”. O **Cândido** quis saber sobre a experiência e Montenegro escreveu o seguinte:

Muito raramente [ainda atuo como operador de luz em espetáculos de teatro], uma pena, porque é algo que adoro. Mas o trabalho de roteirista, que também adoro, acabou comendo — exceção à poesia — todas as minhas outras atividades profissionais. Comecei a trabalhar em teatro no fim dos anos 90/começo dos 2000, graças ao meu amigo Mário Bortolotto, que conheço praticamente desde que chegou em São Paulo. É um irmão, além de, claro, um dramaturgo, ator e escritor gigantesco. Um dia, tomando cerveja, disse a ele que acho que faria bem esse trabalho, de operar luz e som. E o Mário não só concordou como me chamou para trabalhar na peça que ele ia começar a ensaiar: *Kerouac*, monólogo escrito pelo Maurício Arruda Mendonça, sobre o autor de *On the road*, com o Mário em cena e direção de ninguém mais ninguém menos que o grande Fauzi Arap. Foi um dos grandes privilégios da minha vida, a primeira peça em que trabalhei ter sido com o Fauzi. Tive com ele uma das minhas maiores lições de linguagem.

Nos ensaios, o Fauzi dirigia com precisão mais do que cirúrgica cada movimento do Marião. A peça tem uma complexa engenharia de minúcias do início ao fim. Cada movimento, cada olhar, é tudo partiturado. Então, depois de marcar uma cena, o Fauzi chegava no Mário



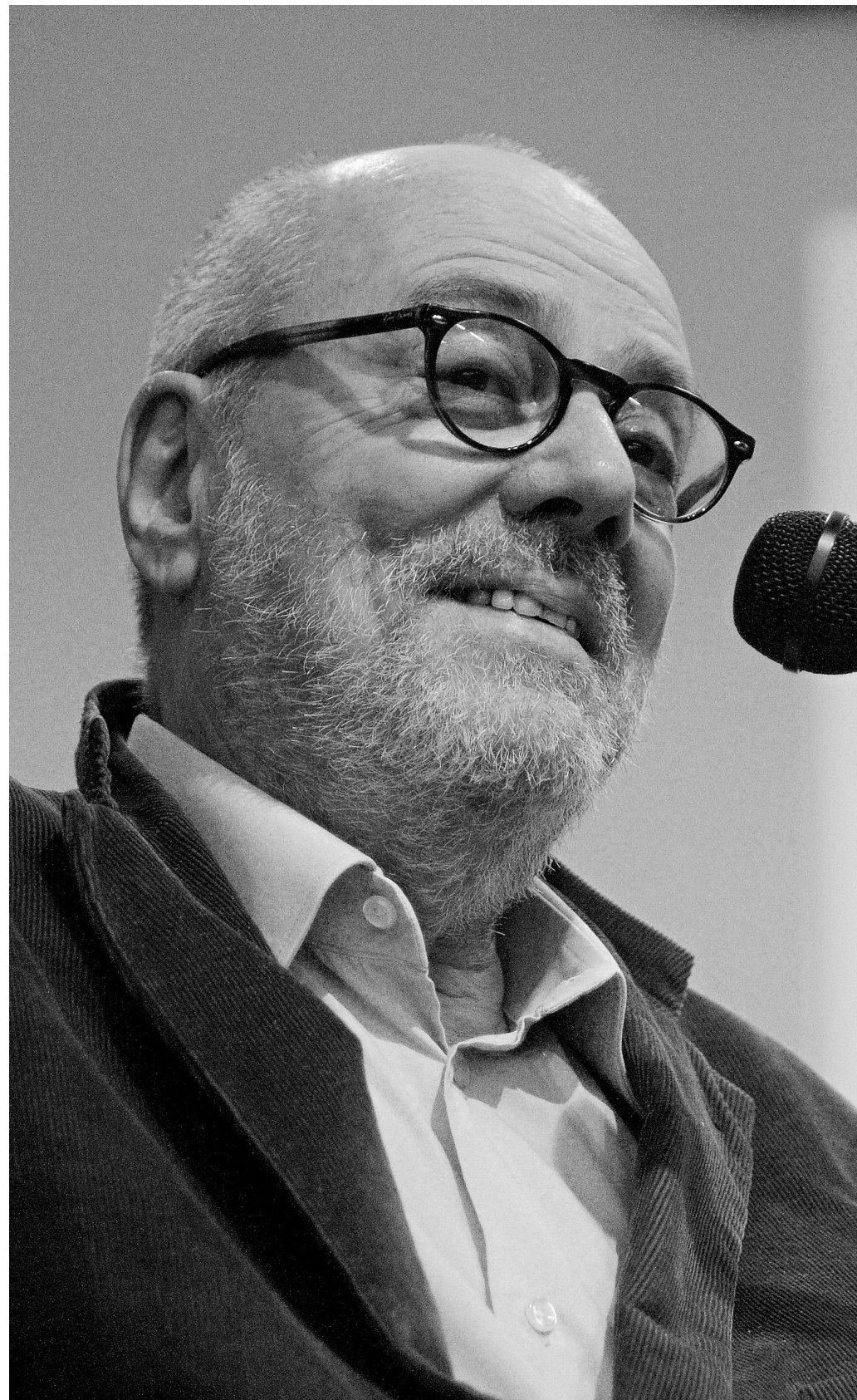
e dizia: “Está ótimo, Mário. É isso mesmo. Agora dá só uma ‘sujadinha’ nessa marca, para não parecer que é uma marca”. Rapaz... Isso foi uma escola. Que rigor. Que humildade. (Aliás, o que a Janet Malcom fala sobre o Mitchell vale também para o Fauzi: seu trabalho nos força “a assumir mais riscos e ser mais humildes”.) Que, diga-se, muitos gostam de chamar, numa abordagem superficial — o duro é quando soa afetada ou pedante — de “falta de linguagem”. Porque muitos, em arte, fazem questão justamente do contrário: o que importa é escancarar a marca.

Canção de amor para João Gilberto Noll

O escritor e professor da UFMG **Luis Alberto Brandão** apresenta um ensaio em que há depoimento e diálogo com a obra do autor gaúcho, morto há um ano

E se eu tivesse embarcado sem saber na
imaginação porventura extraviada de um terceiro?
João Gilberto Noll, *Anjo das ondas*

Aprendi com você, João, que com palavras é possível entrar em qualquer corpo. E é isso que faço agora, João, exatamente no dia 30 de julho de 2015, aqui em Fortaleza, atravessando o pátio do Dragão do Mar, bastante bêbado, tropeçando em minhas pernas de João, amparado por esse rapaz, meu deus, como estou bêbado, e feliz por ser amparado assim, eu aqui na Terra do Sol, tão amado por todo mundo, pois é, mas será?, será mesmo que me amam?, ou é a eterna miragem da minha voz, ah a voz do autor daquele livro, o *Lorde*, pois é, a voz do autor do *Lorde* lendo trechos do *Lorde* aqui na universidade, nesta terra que nem sei se é longe ou perto, ou se rasura a geografia, já que dizem que é por essas bandas que nasce o Sol, será que é por aqui, debaixo das águas quentes desse mar, nas noites de vento cantante, será que é por aqui que o Sol dormita, talvez sonhando com jangadas e jangadeiros no filme que o Orson Welles não fez justamente aqui, no abraço tépido do povo daqui, como é bom dizer a palavra “aqui”, e esse meu corpo de





Kraw Penas



João Gilberto Noll publicou 18 livros, 13 romances, três antologias de contos e duas obras infantis. Conquistou cinco prêmios Jabuti. Foi traduzido para o espanhol, o inglês e o italiano. Nasceu no dia 15 de abril de 1946 e morreu em 29 de março de 2017, em Porto Alegre (RS).

Luis Alberto Brandão é professor titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisador do CNPq. Autor, entre outros livros, de *Teorias do espaço literário* (2013, ensaio), *Manhã do Brasil* (2010, ficção) e *Um olho de vidro: a narrativa de Sérgio Sant'Anna* (2000, ensaio). Vive em Belo Horizonte (MG).

No dia 16 de outubro de 2012, João Gilberto Noll participou de uma edição do projeto Um Escritor na Biblioteca e, entre inúmeras frases memoráveis, enunciou: "A literatura existe porque eu vou morrer. Não quero morrer, gosto de estar vivo, com todas as dificuldades. E a literatura é isso".

João alquebrado e bêbado sentindo-se tão aqui, tão entregue ao braço quente que me ampara e me conduz, como eu gostaria que esse braço me amparasse por toda a eternidade, meu deus, meu deus dos sem deuses, como eu gostaria que esse pátio fosse mais e mais comprimido, e fôssemos caminhando indefinidamente, esse moço tão bonito e amoroso, que me corrige em meus tropeços, que compreende minha penúria, esse anjo todo bondade e gentileza, será mesmo, meu deus dos ateus, que ele sorri para mim?, ele, que tem a lua dentro do sorriso, ou é para o escritor que sei lá se sou?, me leva pelo braço, e neste meu braço flácido de João sinto o vigor do anjo bom, é ele, é ele sim, não ouviram os tambores?, é ele que veio bem do centro da mata para me salvar, não ouviram o canto da tribo?, é a plenitude em forma de índio, o índio mais belo, é esse sonho de moço pronto a me proteger de todo perigo, é o Peri que me resgata da miséria do mundo, que sustenta meu corpo depauperado, como se me tirasse do chão, diluísse meus pântanos, ah, meu deslumbrante Peri, seu coração está batendo bem aqui a meu lado, e é assim que eu posso sentir o pulso do meu coração de João, coração meio fraquinho, meio doentinho, mas não há de ser nada, não, viu?, tem esse outro coração batendo vigoroso ao lado do meu frágil coração de João, tem esse braço forte me apoiando, esse moço tão jovem, quantos anos ele tem?, meu deus dos desvalidos, vinte e poucos, será?, ele é a própria juventude na embriaguez da generosidade, a argamassa que vem recompor os buracos de meu corpo carcomido, rio imenso descendo as primeiras páginas de *O guarani*, irrigando a pele ressecada deste meu estranho corpo de João, quan-

tos anos será que ele tem, esse raio de sol no escuro dos meus desertos, mas olhem ali, gente, na janela daquele sobrado, é ela, sim, claro que é a Madame Clessi, abanando a mão para nós, pois é, eu não disse?, ela sabe que as mulheres só devem amar rapazes de dezessete anos, por isso eu quero viver nesta terra, dentro do Sol que ampara este meu corpo de João, será que atravesssei a peça do Nelson Rodrigues e me perdi?, em alguma encruzilhada?, me desgovernei na encruzilhada de memória, realidade e alucinação?, ah, que bobagem, de jeito nenhum, que alucinação que nada, olha eu aqui abraçado ao esfuziante Dragão do Mar, ninguém vai me tirar isso não, vou viver para sempre nesta terra, escuta só, olha só, Madame Clessi, esse braço jovem é de matéria sólida, sim, sólida e tenra, matéria de amor, olha só como me segura e me aquece, olha só como sou feliz aqui nesta terra de doçura, olha eu aqui flutuando nessa brisa delicada, como é gostosa essa embriaguez, como é boa essa intensidade, como é bom cambarlear no fio da vida, e o que mais posso dizer, hein, meu amado Peri, o que mais posso dizer com essa minha língua de João se enrolando, embriagado sim, com essa minha voz tão molenga, trêbado sim, o que posso mais fazer, meu anjo bom, além de murmurar, nos teus braços quentes, murmurar e repetir o mantra que inventei agora, o mantra que diz assim: como é bom estar vivo!, murmurar e repetir a ladainha sem fim que daqui em diante será a minha, por todos os tempos: como é bom estar vivo!, murmurar e repetir e repetir incansável as cinco palavras que não vão deixar de soar por este meu corpo que já se tornou puro sopro: como é bom estar vivo! ■



POEMA | MARCO DE MENEZES

COMO SE CONSTRÓI UMA
MELANCOLIA DE DOMINGO

1.
o amarelo de um domingo
pode rapidamente mudar de tom.
ir de uma translucidez de garrafa
a uma macicez de quibebe
ou de massilha.

2.
não se pode crer em uma rua
que só sobe, nem em uma rua
totalmente lisa.

3.
músicas que tocam de manhã
serão destruídas à tarde
pela sombra de um angico
ou de uma ponte
deitada sobre elas.

4.
o domingo é equação complexa o bastante para não
[caber em um parque vazio.

5.
o amor dos jovens
é o primeiro a ser
chacinado aos domingos

6.
quanto mais perto da noite
tendo se arrastado
pelos túneis da tristeza
mais o domingo se alegra

7.
no entanto
às vezes não é o domingo
a causa do incêndio de segunda
nem a segunda
saindo de preto à rua
poderá dizer
de opalescentes domingos afebris.

8.
os pilotos de domingo
têm os dentes extraídos
no sábado
para que a mordedura
obtenha um macio cruel
e hálito de esperança.

9.
mais cedo, se é domingo, a manhã é luminosa e vital
mais tarde, se é domingo, a tarde empalidece até o
[desmaio

10.
estranhos
os elevadores que conduzem
o domingo
ao subsolo 1 ou ao subsolo 2.
há uma altivez de descer no quarto andar
mas quase nenhuma de descer no térreo.
o porteiro do domingo tem muitas faces
e nenhuma, e nenhuma altivez tampouco.

11.
há bairros
onde nenhum velho
será visto
e as casas fechadas
sem cantoria ou churrasco
também não escondem velhos.
há bairros inteiros
sem um único velho.
o domingo os prestidigita
os transforma em juta
limas
ou pestanas de violões
encouraçados.

12.
o amor dos sérios
desmaia
sob as rodas
do domingo.



13.
plantão dominical

13.1.
ou obscuramente calmo, nas UPAs destroçadas
ou um leviatã convulsionado e hostil
que devora tripas e miolos, nas UPAs
[destroçadas

13.2.
nas delegacias policiais
a vontade morre e as mãos descascam
e aquele verde-claro
que ninguém nota a semana toda
ataca
os objetos vizinhos e as palavras
digitadas em beós:
roubo verde abalroamento verde
abigeato verde
assassinato verde.

14.
em feiras de móveis ou carros
o domingo:
no primeiro caso
você pode entreter seu ódio
e desgastar seus incisivos laterais
no MDF e na madeira de pinus.
no segundo, já
a manhã é um carro ela mesma
feliz, bárbara e intrujã.

15.
nas paradas
os papéis colados
conversam sozinhos
sobre destino e luxúria.
no domingo é sobre isso
somente que se fala
na sala ou no espaço.

16.
as fotos tiradas hoje entregam enganos de todos os dias.

17.
um domingo em Macau
e um domingo em Itaqui,
para além da língua,
guardam formidável simetria

(poderiam ambos
serem pinturas em selos
Itaqui vista de Alvear
Macau vista de Hong Kong
água rosa e flores sentinelas)

mas o que é simétrico é o desprezo
e o que é formidável é o pequeno

talvez como os selos
que um colecionador pinça e amplia
no projetor
às três da tarde
para os netos

o português andrógino do espanhol
o português erínea do cantonês.

18.
o domingo era um homem velho de olhar sentido
que ficou mirando a lateral do carro
como se ali
houvesse um risco um amassado
onde só havia a lataria
simples e banal
de um carro branco.

19.
Ofélia
todo domingo
vai admirar a sanga
nos Pelúcios.

20.
eu quis estender em um domingo
sobre o espinhal antigo
a velha toalha de criança
que sempre levava comigo

ainda está lá, aquele trapo torpe
e há muitos anos deixei de visitá-la
como a um parente amnésico

na boca da caverna do futuro
no entanto
ela segue sendo
minha única bandeira



Marco de Menezes é autor dos livros de poemas *As horas dragas* (1999), *Pés de aragem* (2007), *Fim das coisas velhas* (2009) — vencedor do Prêmio Açorianos de Literatura nas categorias Poesia e Livro do Ano em 2010, *Ode paranoide* (2010) e *Pequena madrugada antes da meia-noite* (2016). Nasceu em Uruguaiana (RS) e vive em Caxias do Sul (RS).

PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA

Dentro das entranhas de um período que não deve se repetir

DA REDAÇÃO

Henrique Schneider venceu o Prêmio Paraná de Literatura na categoria romance com *Setenta*. A longa narrativa se passa, a exemplo do que o título sugere, na década de 1970, com mais precisão, em 1970. O protagonista é um bancário, de 25 anos, que mora com a mãe no centro de Porto Alegre. O cotidiano dele é, basicamente, casa-trabalho-casa. Até que ele é “capturado”. Raul dos Santos Figueira é preso, por engano, confundido com um “comunista”.

Em entrevista ao **Cândido**, Schneider conta como elaborou o romance, que começou a ser escrito no fim de 2014 e foi finalizado em abril de 2016. Mais que isso, o escritor afirma que Raul, o protagonista, não é inspirado especificamente em uma trajetória. “Na verdade, Raul é personagem sem maior trajetória, alguém absolutamente comum e anônimo que, involuntariamente, é jogado para dentro das entranhas de um período que não deve se repetir e que, da pior forma possível, abre os olhos para o que estava acontecendo”, comenta o escritor que nasceu e vive em Novo Hamburgo (RS) e é autor, entre outros livros, de *O grito dos mudos* (vencedor do Prêmio Maurício Roseblatt de Romance) e *Contramão* (finalista do Prêmio Jabuti).

Schneider diz que, em *Setenta*, tudo é ficção — mas, ao mesmo tempo, tudo aconteceu: “Aconteceu a tentativa de sequestro do cônsul norte-americano em Porto Alegre. Aconteceu um aumento de repressão política e policial depois desta tentativa. Aconteceram prisões por engano. Aconteceu de pessoas sem qualquer envolvimento político serem torturadas. Existiam os locais clandestinos de tortura. As aulas de tortura aconteciam, com cobaias vivas”.

Setenta e os outros dois títulos vencedores do Prêmio Paraná de Literatura 2017 — *A bandeira de Cuba*, de Marcelo Degrazia (Contos), e *Tempo de dentro*, de Sônia Barros (Poesia) — serão publicados, ainda no primeiro semestre deste ano, pelo selo Biblioteca Paraná. Schneider comemora o fato e afirma que ter conquistado o Prêmio Paraná de Literatura, entre outros efeitos, vai amplificar o debate acerca dos temas de seu romance — tortura e ditadura.

Quando você concebeu *Setenta*? Demostrou quanto tempo para pensar, elaborar, escrever e colocar o ponto final no romance?

Setenta foi o livro que escrevi mais rapidamente. Costumo anotar a data em que começo a escrever uma história: após um tempo de anotações, entrevistas, conversas, leituras e maturação, *Setenta* começou a ser escrito em 6 de dezembro de 2014 e sua primeira versão ficou pronta em 13 de setembro do ano seguinte — ou seja, a primeira versão do livro foi escrita numa velocidade incrível. A primeira revisão, feita ainda no calor do texto, terminou em outubro do mesmo ano; a segunda findou em abril de 2016, porque dei ao livro o necessário tempo de gaveta. Assim, sem contar o período de maturação que precede a escrita em si, o livro ficou pronto em menos de um ano e meio. Depois disso, fiz apenas alguns ajustes — uma vírgula aqui, uma palavra ali (talvez mais por vício do que por necessidade), e nada mais do que isso.

O Raul é inspirado em uma trajetória real? A partir de quais matérias-primas você construiu o personagem?

Não, Raul não é inspirado especificamente nesta ou naquela trajetória. Na verdade, Raul é o personagem sem maior trajetória, alguém absolutamente comum e anônimo que, involuntariamente, é jogado para dentro das entranhas de um pe-

ríodo que não deve se repetir e que, da pior forma possível, abre os olhos para o que estava acontecendo. Raul tem certa humanidade simples, cotidianinha, que — me parece — também está nos personagens de meus livros anteriores. Assim, ele não foi difícil de compor. Quanto ao livro como um todo, há algo interessante: dei-me conta que, no *Setenta*, tudo é ficção — mas, ao mesmo tempo, tudo aconteceu. Aconteceu a tentativa de sequestro do cônsul norte-americano em Porto Alegre. Aconteceu um aumento de repressão política e policial depois desta tentativa. Aconteceram prisões por engano. Aconteceu de pessoas sem qualquer envolvimento político serem torturadas. Existiam os locais clandestinos de tortura. As aulas de tortura aconteciam, com cobaias vivas. Ou seja: tudo o que está no *Setenta* aconteceu — só tive o trabalho e o cuidado de juntar tudo isso em uma história só.

A ideia de dividir o livro em capítulos, em um ziguezague temporal, incluindo situações-chaves do romance é um diálogo direto com o cinema, com a linguagem cinematográfica? De que maneira você arquitetou o enredo?

A divisão do livro em capítulos que acontecem num ziguezague do tempo aconteceu porque achei que seria mais interessante que a história fosse contada de forma menos linear. Achei que assim o livro ganharia ritmo. Desse modo, a histó-

ria vai e vem, mas tudo num intervalo temporal bastante breve, já que toda a ação acontece em menos de dez dias — por isso, o cuidado no sentido de que os títulos de cada capítulo servissem para situar bem o leitor. Não houve a intenção expressa de um diálogo maior com a linguagem cinematográfica — mas é claro que, ao longo da escritura, percebi esta possibilidade. O enredo foi arquitetado da mesma maneira que os meus outros livros: primeiro traço uma espécie de “esqueleto”, faço uma pré-divisão dos capítulos, imagino quantas páginas terão e escrevo umas três ou quatro frases sobre o que deve acontecer em cada um deles. No decorrer da história, isso sempre muda — mas tenho, ao menos, uma base a que me agarrar se, de alguma forma, começo a me perder do texto. Só depois desta pequena arquitetura é que me ponho verdadeiramente a escrever.

E a ideia de colocar alguns capítulos com a voz da mãe do Raul, capítulos de apenas um parágrafo, mas intensos e sintonizados com a oralidade? Foi algo que o livro pediu?

Acho que sim. O livro pediu, a fim de ganhar mais ritmo e variedade. Mas, mais do que isso, era imperioso colocar naquela história a voz da mãe. Isso porque achei necessário ampliar a tristeza e a dor da situação, multiplicá-la. A dor da tortura vai sempre além de quem a sofre. E não há imagem mais forte da dor do que a da mãe que sofre por seu filho. A incerteza de dona Irene sobre o que aconteceu com Raul — se está vivo ou morto, bem ou mal — é um sofrimento tão grande quanto a própria tortura, tanto que na cela ele seguidamente pensa em como estará a mãe. Dona Irene é uma e muitas — pensei nas mães da Praça de Maio enquanto a escrevia.

A publicação de *Setenta* amplia o debate sobre a ditadura no Brasil, ainda mais sendo um livro que venceu um prêmio? O assunto



é, em sua opinião, ainda pouco debatido em profundidade?

Espero que sim, porque se trata de um assunto pouco e mal debatido no Brasil. Fico muito assustado quando vejo que uma pessoa que homenageia publicamente o coronel Brilhante Ustra, um torturador que levava os filhos pequenos de presos e presas para assistirem às torturas a que eram submetidos os seus pais e mães seja hoje tratado como mito por pessoas que nasceram após o período da ditadura (ou, ao menos, o período mais duro dela) e que, num desconhecimento preocupante, saíram às ruas para bradar pela volta deste tipo de regime. É simples: ditaduras prendem sem motivo, ditaduras torturam, ditaduras matam, ditaduras não permitem vozes discordantes, ditaduras corrompem. Aliás, é um profundo equívoco pensar que qualquer ditadura seja o remédio para a corrupção — a melhor forma de combate à corrupção é o fortalecimento e o aperfeiçoamento da democracia, sempre em direção ao aumento da transparência, visibilidade e participação popular efetiva.

O que o prêmio representa em sua trajetória literária?

Deonísio da Silva, que foi jurado do extinto Prêmio Maurício Roseblatt de Romance (que premiou meu livro *O grito dos mudos*), disse que concursos não ensinam ninguém a escrever, mas podem dar mais volume à voz de quem escreve. Acho que é bem isso. Nesse sentido, minha alegria por vencer esta edição do Prêmio Paraná de Literatura se “divide” em três partes. A primeira, claro, é uma alegria pessoal, já que o Prêmio Paraná é um dos concursos literários mais importantes do Brasil. A segunda é porque, vivendo e escrevendo em Novo Hamburgo — cida-

de a quarenta quilômetros de Porto Alegre —, acho que o prêmio abre um foco benfazejo sobre a literatura que se produz fora dos centros editoriais maiores (Aliás, me parece que esta também é a condição da Sônia Barros e do Marcelo Degrazia, respectivamente vencedores do concurso nos gêneros Poesia e Contos, a quem aproveito para parabenizar.) E a terceira — e maior — alegria é pelo livro em si, pela oportunidade de amplificar o debate acerca dos temas — tortura e ditadura — sobre os quais ele trata.

***Setenta* dialoga com a sua obra literária já publicada? De que maneira?**

Acho que sim. Ainda que seja um livro no qual perdi certo medo do diálogo e da oralidade — medo, este, bem mais forte em minhas obras anteriores — o fato é que *Setenta* tem vários pontos em comum com o que escrevi antes. É uma novela mais ou menos curta, como são os meus demais livros. Também como os demais, ele tem personagens extraídos da vida real — gente que se pode enxergar caminhando pelas ruas — e toda a ação se desenvolve num pequeno intervalo de tempo. (*O grito dos mudos* e *Contra-mão*, por exemplo, têm enredos cuja ação não dura mais que um dia). Por fim, outra semelhança é o fato de ele ter o foco central num único personagem e numa única ação — fico mais à vontade em tais construções.

Já está escrevendo outro livro? O que pode falar a respeito?

Estou pensando e fazendo apon-tamentos, me preparando para escrever uma história de amor, que acontece no início do século passado, numa cidade mais ou menos imaginária da zona alemã do Rio Grande do Sul. Não sei se será fácil escrevê-lo. ■

PORTO ALEGRE

— 17 DE JUNHO DE 1970 —

— QUARTA-FEIRA —

PRIMEIRAS

HORAS DA
TARDE

O carcereiro recém havia recolhido o prato e a caneca plástica em que tinham servido o almoço de Raul — duas conchas de feijão com arroz, um ovo cozido e café preto — e este apenas estava sentado no colchonete, tentando pensar em nada, quando o chefe apareceu, acompanhado de outro homem, que usava óculos escuros mesmo no negrume daquele corredor. O desconhecido carregava nas mãos um pequeno objeto de metal, cuja serventia Raul temia adivinhar.

“Doutor Pablo, este é o homem!” — apresentou o chefe, rindo e apontando o prisioneiro como se anunciasse a chegada de um convidado especial a alguma festa.

O doutor Pablo não disse nada; apenas fez um ligeiro esgar com a boca, à semelhança de sorriso sem vontade, e jogou o objeto metálico de uma mão à outra, apenas para que Raul pudesse constatar, subitamente apavorado, que aquilo era uma soqueira.

“Tudo bem, Raul?” — o chefe perguntou, com ironia.

“Sim, senhor.” — respondeu Raul, aterrorizado — se respondesse que não estava tudo bem, tudo seria certamente pior.

“O nome do filho da puta é Raul?” — foram as primeiras palavras do homem e, mesmo em seu novo pavor, o prisioneiro não deixou de perceber o sotaque carioca com que foram ditas.

“É o que está nos documentos dele. Estamos chamando ele assim. É um nome fácil, até meio bobo...”

“Ele tem mesmo cara de bobo...” — riu o recém chegado, baixando rapidamente os óculos e mostrando um par de olhos duros, malignos, parecidos aos do chefe. Raul também teve medo daqueles olhos.

“Pois é, Raul” — comentou o chefe, sorriso no qual brilhava o dente de ouro. — “O doutor Pablo é uma sumidade em alguns assuntos que muito nos interessam. Assim, nós estamos aproveitando a visita do mestre para que ele, solícito e gentil como sempre, nos dê umas demonstrações de sua técnica tão apurada. E, para isso, vamos precisar da tua colaboração. Chega mais.”

Raul não entendeu o que aquilo tudo podia significar e permaneceu imóvel em seu colchonete, olhando aqueles homens como se fossem extraterrestres.

“Chega mais, porra! Não escutou a ordem, filho da puta?” — gritou o recém chegado.

Raul levantou-se e, naquele instante, soube completamente que sua vida estava nas mãos daqueles monstros, que poderiam matá-lo como bem quisessem — e esta certeza momentânea pareceu dar-lhe uma espécie de tranquilidade surreal.

Estou fodido, pensou, que façam o que quiserem.

O chefe chamou o carcereiro e ordenou-lhe que abrisse a cela. O homem cumpriu a ordem, enquanto olhava para o prisioneiro com certa dó disfarçada, que Raul sequer percebeu.

“Vamos lá, seu Raul. Vamos dar uma voltinha, até outra sala” — mandou o chefe, a voz mergulhada em ironia. — “O senhor nos acompanhe, por gentileza.”

Raul acompanhou os homens sabendo que na outra sala estavam os instrumentos e aparelhos de tortura, mas já não tinha maiores forças para pensar. Estava solto, nenhuma algema ou corrente o prendia. Poderia tentar escapar, mas sequer imaginou fazê-lo: escutava sempre tantas vozes, eram tantas pessoas por ali e ele estava tão desamparadamente perdido, que Raul não conseguiria dar cinco passos inteiros, sem que algum perverso lhe caísse por cima a chutes. Andaram em silêncio pelos corredores estreitos e escuros, dobrando aqui e ali, enquanto Raul percebia que aquilo parecia o porão ou a masmorra de algum casarão assombrado no qual ele mesmo era um dos fantasmas, até que chegaram a uma porta fechada. O chefe abriu aquela porta e surgiu uma sala úmida e suja como as demais, também sem janelas, mas bem iluminada, em cujo centro estava instalado um conjunto de barras de ferro ao redor do qual seis ou sete homens sentados davam a impressão de aguardar. Todos pareciam muito jovens.

Todos mais novos do que eu, pensou Raul, enquanto olhava ao redor tentando não entender nada.

O doutor Pablo cumprimentou os

presentes com certa solenidade, saudação que os outros devolve-ram com admiração reverente. Permaneceram todos em silêncio por uns instantes, sem darem importância ao prisioneiro, até que o chefe entendeu que esperavam por uma palavra sua.

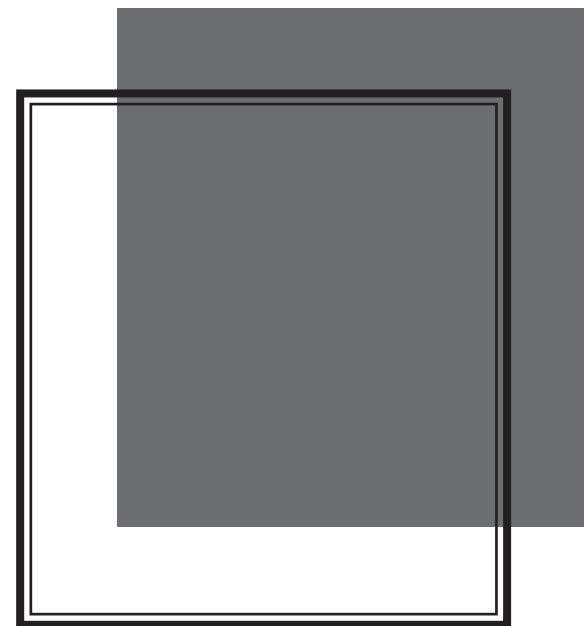
“Rapazes,” — começou ele — “conforme prometido, hoje está aqui conosco o doutor Pablo, que com toda a sua experiência e talento vai nos ensinar algumas técnicas aperfeiçoadas para obter a confissão de prisioneiros nesta guerra em que estamos. Nada que nós já não saibamos de um jeito mais ou menos regular, mas o doutor Pablo tem a minúcia e a perícia que, às vezes, nos faltam — e é aos detalhes que eu peço que vocês prestem maior atenção. Para a aula de hoje, contamos com a colaboração do nosso hóspede Raul, que foi convidado e gentilmente se dispôs a ser pendurado no pau de arara” — e, rindo, apontou a geringonça no meio da sala — “para ajudar na exposição.”

Raul não sabia o que era um pau de arara e, por isso, não esboçou reação maior. Mas apavorou-se, o medo voltando repentinamente à vida que prezava tanto, quando o doutor Pablo ordenou que o deixassem só de cuecas.

“Não, por favor! O que é que vocês vão fazer comigo?” — gritou, enquanto dois homens já começavam a despi-lo.

“Calma, Raul! Ninguém aqui vai te machucar muito. Só um desconfortozinho, uma incomodação, mas nada que um cara forte como tu não aguente brincando” — doutor Pablo apertou o braço do prisioneiro, como se lhe examinasse o bíceps, enquanto os homens todos riam da cena. — “Hoje é só uma demonstração, uma aula para essa turma aqui. Aliás, é por isso que estou te chamando de Raul, que é como te chamam. Se esta sessão de hoje fosse a sério, o teu nome seria a última coisa de que eu iria te chamar...” — e gargalhou da própria piada, secundado pelos demais. Depois, mudando o tom e mirando Raul fixamente. — “Mas não pensa que a vida por aqui vai ser sempre essa moleza. Eu posso ser muito ruim quando quero...”

>>>



5

5





“Colabora, filho da puta! Não vê que você tem sorte? Isso aqui não é um interrogatório; é só uma aula. Uma demonstração — você é a peça de demonstração, entendeu? Se fosse interrogatório mesmo, eu não estaria falando tão calmamente...” — e, dirigindo-se aos alunos — “Vocês viram que eu até já poderia ter dado uma porrada no nosso hóspede, que não me parece muito disposto a colaborar. Mas não fiz isso, e sabem por quê? Porque é preciso ser muito profissional. Não esqueçam: profissionalismo, sempre.

Depois, apontou a manivela à audiência:

“Esta manivelinha é uma espécie de dínamo. Quanto mais é girada, mais energia vai gerar. Ela é progressiva. E quanto mais energia ela gerar, mais forte será o choque. É por isso que digo que a manivela é o coração desta geringonça toda, que nós chamamos de maricota” — os homens riram; nome engraçado, aquele.

Então girou rapidamente a manivela. Raul deu um salto e outro grito, involuntário e descontrolado, enquanto sentia a dor nova que, entrando subitamente por seus mamilos, parecia se espalhar por todo o corpo. Enquanto o prisioneiro se contorcia, pendurado na barra de ferro, o professor se comprazia ao alternar a velocidade da manivela, modificando a intensidade do choque e mostrando aos alunos o resultado. Quando o doutor Pablo parou, Raul permaneceu a contrair-se ainda por algum tempo; depois que a sessão terminou, seu corpo era cada vez mais um pedaço de carne pendurado, gemendo apenas para si e rezando baixinho um pedido impossível à Nossa Senhora Aparecida.

“Viram que a alternância na velocidade é um dos segredos para o bom resultado. Às vezes é interessante dar uma enfraquecida, porque o corpo do prisioneiro vai relaxar involuntariamente e vai sentir mais quando a velocidade aumentar de novo” — explicou, enquanto girava a manivela mais um pouquinho, apenas para ilustrar o que dizia...

Depois, esperou que Raul parasse de se contorcer e seguiu a lição:

“Eu não costumo fazer perguntas para arrancar informação enquanto dou o choque. Isso é uma técnica minha, acho que a gente precisa estar bem focado no que está fazendo. Faço as perguntas no intervalo entre um choque e outro, sempre na ameaça do próximo. Funciona bem” — depois, como se precisasse se justificar — “Mas hoje nós não estamos fazendo pergunta nenhuma, para não atrapalhar o andamen-

to da demonstração. Hoje é só aula” — e os homens riram outra vez, enquanto ele continuava — “O ideal é ir variando a intensidade do golpe e os lugares do corpo. Tem alguns que são mais indicados, porque são mais sensíveis. A língua, os dedos dos pés e das mãos, a planta dos pés, o ouvido, os testículos, o pênis, o ânus...”

“Bota um fio no rabo dele, doutor, pra gente ver!” — pediu um dos alunos, e os outros todos riram.

“Não, não...” — o doutor Pablo sacudiu a cabeça negativamente — “Vou viajar depois, não quero ficar com cheiro de merda nos dedos. Aliás, preciso me apressar e daqui a pouco alguém vai ter que me levar até o aeroporto.” — Depois, seguindo a aula — “E vocês precisam se acostumar logo: seguidamente vai ter comunista gritando, chorando, vomitando, cagando ou mijando no chão. São uns frouxos, uns fracos. Este aqui, por exemplo, nem foi mexido, ninguém fez nada nele. E vejam só o estado em que ele está...” — e apontou para a figura derrotada de Raul.

Raul, peso morto na barra de ferro, chorava baixinho, agudo. No meio daquele terror, conseguira pensar em não fazer barulho; quanto menos chamasse a atenção dessas bestas, quanto menos lhe vissem nesta sessão macabra que chamavam de aula, menos ódio seu corpo despertaria e mais cedo a tormenta toda poderia terminar. Tentava pensar que não estava ali, como se fosse possível.

“Outro método é o espancamento puro e simples. Pode ser feito com as mãos limpas ou com apetrechos. Cada um escolhe o que melhor lhe sirva >>>

Então pediu que alguém lhe alcançasse um balde grande e cheio de água, que estava a um canto da sala. O homem que havia pedido um fio no ânus de Raul foi o primeiro a levantar-





-se, e trouxe correndo o balde ao professor, a quem olhou com certa admiração indisfarçada. O doutor Pablo levantou o recipiente e informou que só faria uma pequena demonstração. Depois, infelizmente, precisaria partir.

“A água serve muito bem como instrumento. O afogamento, claro, é o mais comum. Forçar a cabeça do preso dentro do balde durante um tempo é muito eficaz, mas é o básico. No pau de arara, há uma forma muito intrincada de colocar a parte traseira da cabeça do bandido dentro do balde e fazer com que ele precise ficar puxando a si mesmo para cima, o tempo inteiro, a fim de não se afogar. O preso vai cansando, cansando, mas sabe que se afoga se deixar a cabeça cair. É divertido. Não vou mostrar agora porque a instalação é meio complicada.”

Olhou a plateia e percebeu que todos permaneciam numa atenção bárbara. Bons alunos, pensou. Depois continuou:

“E tem uma técnica que eu, particularmente, gosto muito: o gotejamento. Pendura uma garrafa, um recipiente, até um vidrinho de remédio, algo assim, sobre a cara do comuna e ela fica gotejando, bem aos pouquinhos, sobre o olho, o nariz, a boca. Leva mais tempo e não é tão divertido, mas é um suplício. As madames não aguentam, o gotejamento vai minando a resistência. Mas vejam bem, é preciso prestar atenção: quando o preso está com sede, tem que cuidar para que ele não consiga tomar esta água do afogamento, entenderam? Tem que prestar atenção a esses detalhes, não pode dar moleza. Isso é que faz a arte do negócio. Também se pode misturar alguma coisa na água — detergente, desinfetante, álcool, o que se quiser. E, por fim, não se pode esquecer que a água é um ótimo transmissor de eletricidade, ela potencializa resultados, amplia o efeito do choque.”

Enquanto falava, o professor despejou o líquido sobre o corpo de Raul, que estremeceu no meio do frio tão grande que aquele junho (ainda seria julho?) lhe trazia. — “Não vou demonstrar para vocês a diferença entre um choque sem água e um choque molhado, porque não vai dar tempo. Mas ela certamente é bem evidente para jovens inteligentes e interessados como vocês.”

O doutor Pablo largou no chão o balde vazio e secou as mãos com uma toalhinha branca que o chefe, solícito, lhe alcançou. Depois, sem prestar qualquer atenção àquele corpo à sua mercê, permaneceu por uns instantes em novo silêncio solene e um pouco teatral, feito o professor que aguarda a atenção dos alunos para fazer a chamada. E então comentou, à guisa de explicação final:

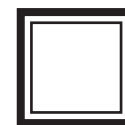
“Esta foi apenas uma primeira demonstração do que pode ser feito com este instrumento genuinamente brasileiro.” — E apontou o pau de arara — “Mas isso é o básico do básico, há muito mais para fazer para se conseguir bons resultados. Não vou conseguir demonstrar mais porque agora preciso viajar. Mas fica a lição mais importante: usem sempre a criatividade.”

Respirou fundo, com certa solenidade teatral, e então repetiu, a enfatizar a importância do que havia dito:

“Criatividade, não se esqueçam. Esta é a palavra-chave para conseguir bons resultados. Muito obrigado pela atenção de vocês.”

A audiência aplaudiu, e o doutor Pablo fez um pequeno gesto profissional de assentimento. Depois, como se repentinamente lembrasse que aquele momento teórico de ainda há pouco certamente teria desdobramentos práticos nos próximos dias, puxou a cabeça de Raul pelos cabelos molhados e mirou o prisioneiro com toda a escuridão de seus olhos maus:

“Não te esquece que isso aqui foi só uma aulinha. Quando for de verdade, vai ser muito pior.” ■



 **Henrique Schneider** nasceu em 1963, na cidade de Novo Hamburgo (RS), onde vive atualmente. É autor de vários livros, entre os quais *O grito dos mudos* (vencedor do Prêmio Maurício Rosemblatt de Romance), *Contramão* (finalista do Prêmio Jabuti), *Respeitável público* e a coletânea *A vida é breve e passa ao lado*. Por 15 anos, escreveu a coluna semanal de contos “Vida breve” no jornal *ABC Domingo* (RS). Entre 2007 e 2016, com apoio da Universidade Feevale, realizou o Projeto de Leituras Feevale – Contos da Vida Breve, fazendo leituras públicas e gratuitas de seus contos.

A black and white photograph of a man with dark, wavy hair, wearing a dark suit jacket over a light-colored shirt. He is resting his head on his hands, which are clasped together on a dark, reflective surface. The man has a serious expression and is looking down. A watch is visible on his left wrist, and a ring is on his left ring finger. The background is a plain, light-colored wall.



O escritor vence o tempo

Quase 40 anos após sua morte, o legado polêmico de Nelson Rodrigues continua atual e segue dividindo opiniões em meio ao “Fla-Flu” ideológico acirrado das ruas e redes sociais

ALVARO COSTA E SILVA

Na época dos preparativos para a malfadada Copa do Mundo de 2014, nunca se falou tanto em complexo de vira-lata. O conceito segundo o qual o brasileiro se coloca perante o mundo em condição de inferioridade foi criado por Nelson Rodrigues às vésperas do Mundial de 1958. Com a conquista do caneco pelo time de Pelé, Garrincha, Didi e Nilton Santos, o complexo estaria enfim sepultado. O problema é que a vira-lata se expandiu para além do futebol e volta de tempos em tempos, provando que o velho Nelson, em sua condição de decifrador da alma brasileira, continua mais atual do que nunca.

A presença de Nelson Rodrigues (1912-1980) foi tão marcante que é irresistível perguntar o que ele pensaria e escreveria hoje, quase 40 anos depois da sua morte. O crítico Luís Augusto Fischer indaga-se a respeito, lembrando que a maior qualidade de Nelson, em suas colunas de jornal, era a intuição crítica (e autocrítica) sobre os comportamentos da moda, aliada ao faro histórico, fino humor e fluência narrativa.

“Ele era mesmo um singular, que admirava Médici por descer ao vestiário do Maracanã depois de um jogo. Atacava Dom Hélder Câmara por sua militância em favor dos pobres do Nordeste, defendia Caetano Veloso vaiado em 1968 e celebrava seu amigo comunista João Saldanha. Não acho que ele se limitaria a falar mal da esquerda e da correção política, como fazem seguidamente alguns cronistas que o admiram,

como Luiz Felipe Pondé e Arnaldo Jabor. Mas também não teria complacência com tanta coisa que a esquerda tende a relativizar. Imagino que ele teria coragem para rever seu apoio a Médici. FHC seria ironizado em sua empáfia acadêmica e Lula seria atacado em seu populismo e sua vontade de poder. Em geral, Lula seria um enigma mais interessante para ele do que FHC. O que diria sobre Bolsonaro? Ou sobre o fim total do jornalismo, que ele conheceu como poucos?”, pergunta-se Fischer.

Para o romancista Alberto Mussa, o Nelson Rodrigues atual seria “um conservador humanista ou um capitalista de esquerda”. O ensaísta e cronista Gustavo Nogy acredita que ele manteria a mesma postura: “Liberal demais para conservadores, conservador demais para liberais, repugnante para ambos”. Ao elaborar seu exercício de imaginação, o escritor Marcelo Mirisola não tem dúvida: “Nelson seria linchado e queimado em todas as fogueiras, à esquerda e à direita”.

Absolutamente atual

Biógrafo do dramaturgo, Ruy Castro costuma citar uma frase — escrita em 1968 — para dar a medida da permanência do seu biografado: “Em Brasília, todos são inocentes e todos são cúmplices”. Essa atualidade reside não só nas peças teatrais, que não param de ser reencenadas, mas sobretudo na obra não teatral (que o próprio Ruy Castro organizou em 12 volumes, um dos quais, *Flor de obsessão*, reunindo cerca de mil frases lapidares).

Como escritor, Nelson produziu 17 peças de teatro, um romance (*O casamento*) e oito folhetins (seis assinados por Suzana Flag, um por >>>

CAPA | NELSON RODRIGUES

Fotos: Reprodução



Nelson Rodrigues no calçadão de Copacabana: "A nudez feminina perdeu todo o suspense e todo o mistério. Vivemos a mais despida das épocas".

Myrna e um com o próprio nome). O material que deixou como jornalista, em mais de 55 anos de carreira profissional, é imenso e ainda hoje provoca descobertas, entre pesquisadores, de novos contos, artigos e crônicas. Para se ter uma ideia, nas décadas de 1950 e 1960, chegou a manter colunas diárias em dois ou três jornais. Em todas elas, não escondeu a marca da sua opinião a respeito de qualquer assunto.

A época de sua atuação na imprensa coincidiu com a dos cronistas mais espetaculares: Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Antonio Maria, Carlinhos Oliveira, Clarice Lispector, Elsie Lessa. Com mais ou menos intensidade, essa

turma cultivou o lirismo — do qual Nelson sempre passou longe — e a pequena história boêmia e mais sofisticada da Zona Sul carioca. Nosso herói, que usava suspensórios, não bebia uísque e tinha uma voz quase bovina, sempre preferiu os mais dramáticos e adúlteros subúrbios da Zona Norte.

Talvez por essa abordagem distinta, Gilberto Freyre resolveu compará-lo ao maior romancista português do século XIX: "Em Nelson Rodrigues, como em Eça de Queiroz, o escritor vence o tempo como escritor, embora servindo-se do jornal, da correspondência para jornal, do comentário ao acontecimento do dia. Nelson Rodrigues é, dos dois, o mais vigoroso nessa espécie de expressão literária: a transferível de jornal para livro. Ele é lido em livro, tão forte de virtude literária, quanto lido em jornal. Repete Eça neste particular, com mais vigor do que Eça".

Cronista que excede seus limites

No livro *Inteligência e dor: Nelson Rodrigues ensaísta*, publicado em 2009, Luís Augusto Fischer mostra que, em seus

textos jornalísticos, Nelson está mais para Michel de Montaigne do que para Rubem Braga. "O tipo de texto que ele praticava carrega traços que a crônica está longe de ter — um autoexame profundo, uma enorme coragem para confessar suas próprias mazelas, que permitem aquela coragem meio suicida de confrontar a opinião média do seu próprio leitor. Estamos falando de um texto superior, que se destaca contra o fundo de uma excelente tradição de textos breves que o Brasil tem", afirma o crítico, que indica quatro obras principais: as memórias de *A Menina sem estrela* (1967) e as coletâneas *O óbvio ululante* (1968), *A cabra vadia* (1970) e *O reacionário* (1977).

Autor do recém-lançado *Saudades dos cigarros que nunca fumarei*, uma seleção de ensaios, Gustavo Nogy aponta a diferença entre os gêneros para melhor situar Nelson Rodrigues: "Crônica e ensaio são aparentados, semelhantes, mas há distinções. Dos cronistas brasileiros, certamente Nelson é o mais ensaísta. Ele explodiu os limites da crônica e navegou no mar aberto, revoltado, do ensaio. Porque ensaio é isso: uma crônica que excede seus limites, seu provincialismo criativo, e se abre universalmente. A crônica parte do anedótico e fica no anedótico; ela se contenta em dar um passeio no bairro. Já o ensaio, muito embora parta também do pessoal, do anedótico, do cotidiano, não se contenta com isso: ousa, instiga, questiona, ironiza. Nelson Rodrigues é um dos maiores ensaístas brasileiros", garante.

Crítico que melhor estudou a obra rodrigeana, Sábato Magaldi escreveu no seu longo prefácio ao *Teatro completo*: "Um dia, será necessário rever o epíteto de reacionário que o próprio Nelson se afixou. Na verdade, há muito de feroz

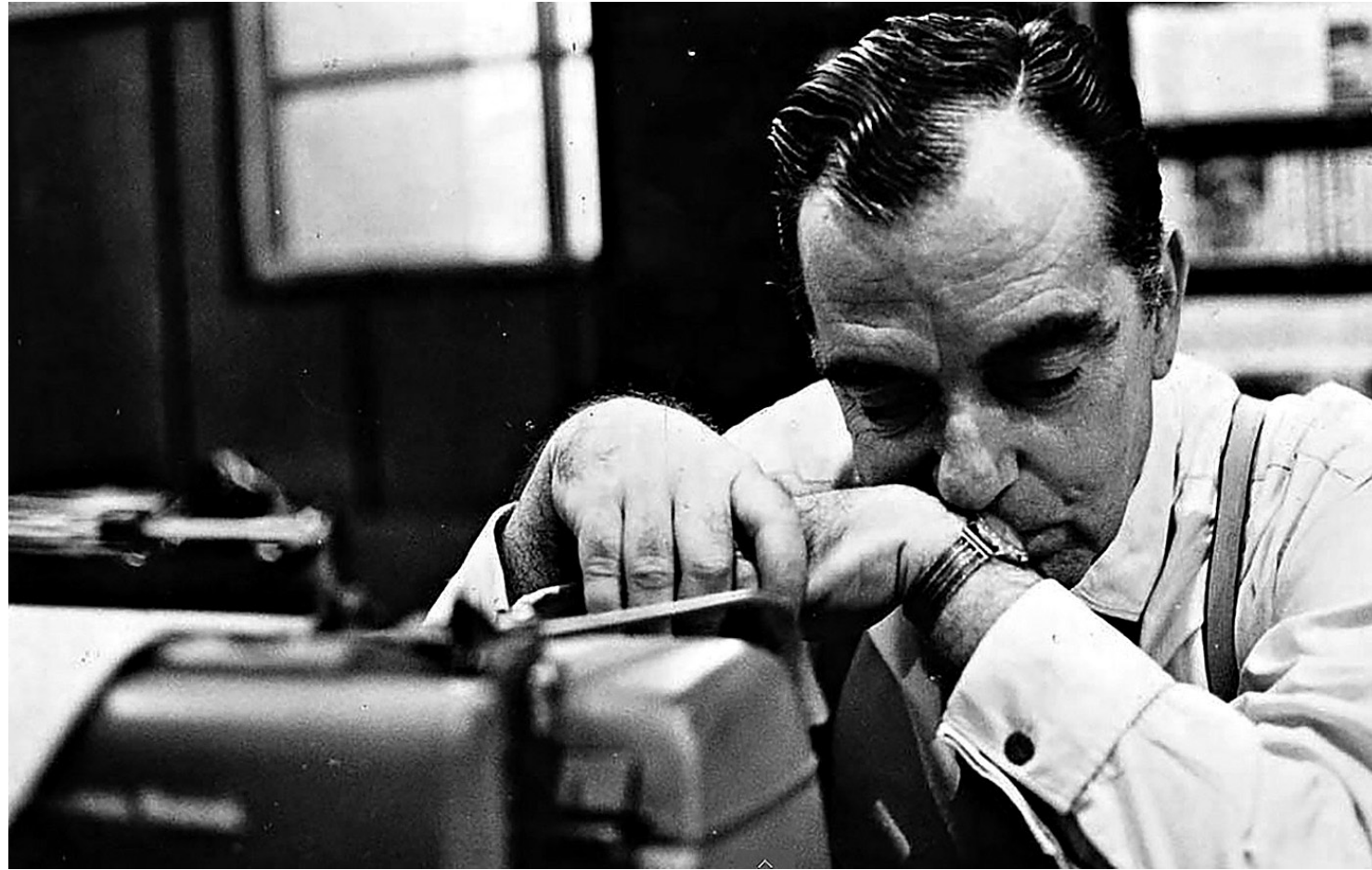
ironia nesse qualificativo. Porque Nelson Rodrigues foi reacionário apenas na medida em que não aceitou a submissão do indivíduo a qualquer regime totalitário. Quando a pessoa humana for revalorizada, também desse ponto de vista ele será julgado revolucionário”.

Gênio incompreendido

Para Marcelo Mirisola, tanto o dramaturgo quanto o jornalista foram mal compreendidos em seu tempo: “Foi censurado pela esquerda e pela direita. Hoje não teria a chance sequer de ser mal interpretado. O ofício que praticava perdeu a relevância, digamos, tecnológica. Cronistas e ensaístas são como sapateiros e alfaiates de antanho, peças de museu. A plateia do Nelson morreu de sífilis e tuberculose”.

Na mesma batida, Gustavo Nogy põe mais lenha na questão: “Não foi bem compreendido em sua época, e seria ainda menos compreendido atualmente. Sofreu censura e reprovação por suas peças, e sofreu o mesmo por seus contos e ensaios — era pornógrafo demais para os conservadores, reacionário demais para os esquerdistas. Hoje aconteceria exatamente a mesma coisa: a direita mais obtusa que acredita que representar pecados e sordidezes equivale a aprovar pecados e sordidezes, o reprovava; a esquerda mais obtusa que acredita na superstição do socialismo o reprovava igualmente. De resto, o politicamente correto faria as vezes de mediador”.

Alberto Mussa acredita que a aceitação de uma personalidade como a de Nelson Rodrigues em nossa era de Fla-Flu ideológico seria no mínimo prejudicada: “Apesar da grande politização geral, das grandes reivindicações do mundo contemporâneo, dos grandes



Em uma redação de jornal, o autor de frases magistrais, entre as quais: “O jovem ou é um Rimbaud ou um débil mental”.

avanços, o nível geral de inteligência é bem menor. E sem inteligência não se entende Nelson. Não se entende o alcance antropológico do seu pensamento, muito acima de uma discussão política”.

Provocativo, Mussa costuma afirmar que considera o gênio de Nelson Rodrigues maior que o de Guimarães Rosa. Ele explica: “Acho que os dois operam uma mecânica da língua, uma mecânica lexical. O Rosa a partir de um material, digamos, etnográfico, vai buscar uma incrível poesia vocabular: amplia significados e chega a criar palavras. O Nelson parte da linguagem comum, coloquial, com elementos da oralidade vulgar e urbana, para dar a ela uma dimensão tão ironicamente trágica, que me parece milagrosa. Rosa aumenta o espectro, aumenta o alcance; Nelson reduz, mas para um nível tão preciso, tão minimamente exato, fazendo a palavra parecer um ponto geométrico”.

Luís Augusto Fischer lembra que, numa sequência de textos antológicos, Nelson tratou da comoção em torno da morte de Guimarães Rosa em 1967: “Ele faz um registro cru

da morte, essa parte tão central da vida como ela é, mas confessa seu ciúme pelo nível artístico que Rosa tinha atingido. Revela sua relativa covardia ao pensar que, bem, era melhor que Rosa tivesse morrido, e não ele mesmo”.

Quem mais teria essa coragem? O que leva a pensar em possíveis herdeiros literários. “Um caso raro, talvez único, de emparelhamento com Nelson é o de Paulo Francis, que por uns quantos anos na *Folha* (mais) e depois no *Estadão* e no *Globo* (menos) polarizou a opinião pública culta no país. No tempo da *Folha*, ele tinha a marca da autocrítica, que depois perdeu, junto com suas antigas crenças, digamos, socialistas ou socialdemocratas”, afirma Fischer. ■

Novas temporadas para o escritor, dramaturgo e o personagem Nelson Rodrigues

Lançada há 26 anos, a biografia *O anjo pornográfico* desencadeou a redescoberta da obra rodrigueana — e em breve vai virar filme e peça de teatro

ALVARO COSTA E SILVA

Em 1992, quando Ruy Castro publicou a biografia *O anjo pornográfico*, poucos imaginavam que a vida de Nelson Rodrigues havia sido igual ou até mais espantosa que qualquer uma de suas histórias. Uma escalada de dramas e tragédias familiares das quais o dramaturgo extraiu sua obsessão pelo sexo e pela morte.

Com o sucesso do livro, operou-se um quase milagre: a ressurreição de Nelson Rodrigues como escritor. Fenômeno que se traduziu no reaparecimento nas livrarias de sua obra não teatral e na montagem e remontagem de suas peças. A biografia segue no catálogo da Companhia das Letras tirando seguidas reimpressões e acaba de ganhar uma edição portuguesa pela Tinta da China. A mesma editora lançou uma seleção dos contos de *A vida como ela é* e o romance *O casamento*.

Mel Lisboa e Malvino Salvador na adaptação de *Boca de ouro* para o universo carnavalesco por Gabriel Villela.



João Caldas Filho/Divulgação

Não passa uma temporada sem Nelson nos palcos do país, em especial do Rio de Janeiro. Recentemente, *Bonitinha, mas ordinária* foi levada na sede da Companhia de Teatro Contemporâneo, em Botafogo, com direção de Eliza Pragana. Parte da série tragédias cariocas, *Boca de ouro* foi adaptada em versão carnavalesca por Gabriel Villela — que tem no currículo a montagem de outras três obras do dramaturgo — e exibida no palco do Sesc Ginástico, no Centro do Rio. O público de São Paulo pôde assistir no Teatro Faap *A serpente*, a última peça de Nelson, dirigida por Eric Lenate.

Até um velho “problema” — a dificuldade de traduzir para outras línguas a linguagem característica de um tempo e um espaço específicos, o Rio entre as décadas de 1940 e 1960 — tem avançado para uma solução. Joffre Rodrigues (1941-2010), o filho de Nelson produtor e diretor de cinema, traduziu para o inglês, em parceria com Toby Coe, 11 peças, publicadas pela Funarte em dois volumes. *A vida como ela é*, a série de histórias escritas diariamente para o jornal *Última Hora*, ganhou duas versões: *Life as it is*, por Alex Ladd, editada em Nova York; e *La vida tal cual es*, por Cristian de Nápoli, em Buenos Aires.

“Nelson não é só o maior dramaturgo, mas o maior gênio das letras que o Brasil produziu no século XX”, afirma o escritor Marcelo Mirisola, que elege *O anjo negro* como sua peça preferida: “Uma obra maldita que merecia ser retomada nesses tempos de vigilância e patrulhamento históricos. Na peça, Ismael é um negro que odeia ser negro, um negro bem-sucedido e invejoso, que é um lixo humano. Ele cega o meio-irmão Elias porque este era bonito e branco. É uma sucessão de aberrações, assassinatos e mutilações de almas”.

O mais surpreendente é que o escritor, na altura de sua morte, em 1980, vivia no limbo e um tanto esquecido, curando as cicatrizes das lutas políticas dos anos 1960, do seu apoio ao regime militar e da fama de reacionário. Numa noite de autógrafos em Florianópolis, em 1977, Nelson aguardou horas com a caneta na mão. Ninguém apareceu.

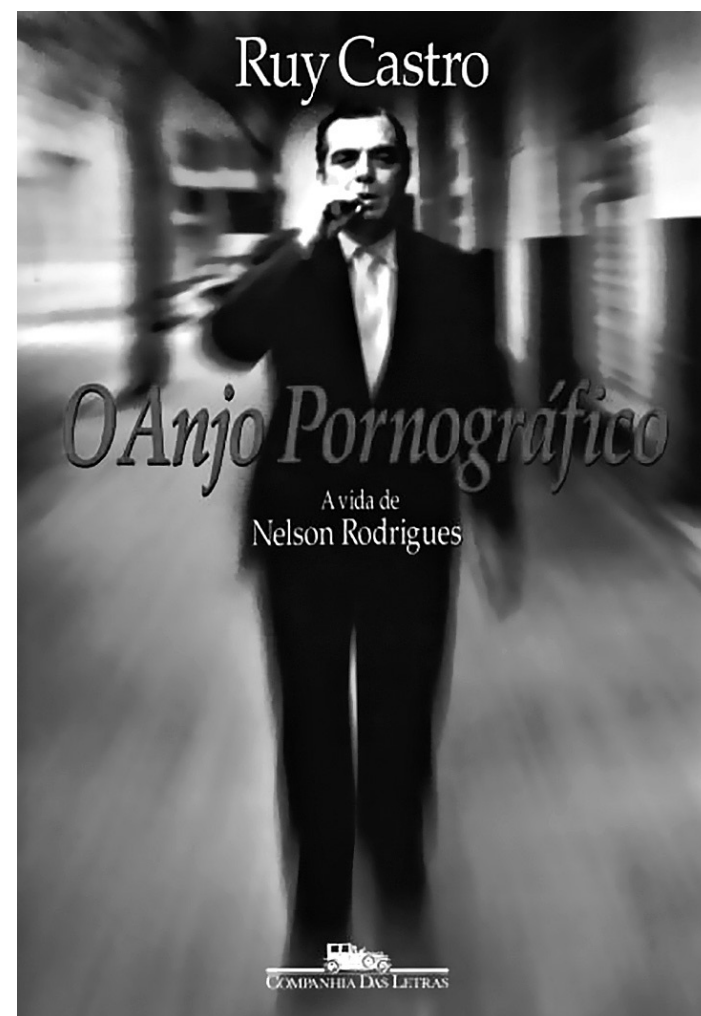
É um episódio difícil de acreditar hoje em dia, quando a assinatura com o punho de Nelson nos livros vale uma pequena fortuna em leilões. Mas, sobretudo, quando sua obra e pensamento estão definitivamente incorporados à cultura brasileira. Tanto que a biografia *O anjo pornográfico* vai virar peça e filme. O longa-metragem, ainda em fase de pré-produção, terá roteiro de Nelson Motta. A peça, que deve estreiar no ano que vem com direção de Gustavo Nunes, está sendo escrita por Heloisa Seixas e Julia Romeu. O ator mais cotado para encarnar o personagem principal é Thelmo Fernandes.

“É um grande desafio”, diz Heloisa Seixas. “Me obriguei a reler as obras teatrais do Nelson e, mais uma vez, fiquei tonta em comprovar o quanto ele é genial. Gosto principalmente das chamadas peças míticas, de acordo com a classificação de Sábato Magaldi: *Álbum de família*, *Anjo negro*, *Doroteia* e *Senhora dos afogados*. Nelas, ele atingiu um nível altíssimo de criação. E também de loucura”.

“Nelson Rodrigues é o nosso Shakespeare”, elogia o escritor e ator Sergio Fonta, que, no ano passado, interpretou o personagem Salim Simão, de *O anti-Nelson Rodrigues*. “Sua obra é perene e continuará sendo encenada através dos tempos. Daqui a 100 anos, Nelson permanecerá em cartaz. Ele mostrou as entranhas da família, a sordidez humana e seus delírios, suas paixões destemperadas. O valor intrínseco de sua obra não se perde. Tampouco a capacidade criadora, uma galeria de tipos inesquecíveis, chocantes ou não, mas todos reconhecíveis em qualquer sociedade.”

O Nelson prosador, que durante anos foi desprezado pela crítica e escondido no escaninho da subliteratura, também passa por um período de reavaliação. “É um dos maiores romancistas do Brasil, em função de dois romances excepcionais: *Asfalto selvagem*, escrito em forma de folhetim, e *O casamento*. São livros que seguem o princípio das tragédias cariocas que ele adotou em suas obras de teatro. Romances trágicos, que invertem a lógica machadiana. Machado de Assis foi o gênio que anulou a cor da trágica, fazendo ironia de tudo. Nelson é seu inverso: faz, das trivialidades, incomensuráveis tragédias”, define Alberto Mussa, ele próprio um escritor vinculado ao romance urbano carioca.

“Nelson era um talento genuíno e natural, mas não era



Lançada há 26 anos, a biografia *O anjo pornográfico* provocou um revival de Nelson Rodrigues.

um erudito”, acredita Gustavo Nogy. “Foi, mais do que qualquer outro, responsável por escrever um texto de altíssimo calibre literário com linguagem coloquial: a fala urbana não só do carioca, mas do brasileiro. Concordo com o Sergio Rodrigues [escritor carioca, autor de *O drible*]: não há melhor escola de diálogos, de escrita de diálogos, que Nelson Rodrigues. Talvez só Luiz Vilela se lhe compare, e ainda assim Nelson tem mais carisma”.

“Nelson Rodrigues é um dos três maiores dramaturgos do Ocidente, ao lado de Sófocles e Shakespeare”, afirma Alberto Mussa, para encerrar a questão. ■



FRASES polêmicas

“Só acredito nas pessoas que ainda se ruborizam.”

“Sou reacionário. Minha reação é contra tudo que não presta.”

“Entre o psicanalista e o doente, o mais perigoso é o psicanalista.”

“Toda mulher bonita é um pouco a namorada lésbica de si mesma.”

“Não se apresse em perdoar. A misericórdia também corrompe.”

“Toda mulher gosta de apanhar. O homem é que não gosta de bater.”

“O jovem tem todos os defeitos do adulto e mais um: – o da imaturidade.”

“Não há admiração mais deliciosa do que a do inimigo.”

“O artista tem que ser gênio para alguns e imbecil para outros. Se puder ser imbecil para todos, melhor ainda.”





Divulgação



“Todo amor é eterno e,
se acaba, não era amor.”

“Qualquer indivíduo é mais importante
do que toda a Via Láctea.”

“Não existe família sem adúltera.”

“Toda unanimidade é burra.
Quem pensa com a unanimidade
não precisa pensar.”

“A vida é a arte de não fazer favores.
Nada ofende mais do que o benefício,
nada agride mais do que o favor.”

“As feministas querem reduzir a
mulher a um macho mal-acabado.”

“Dinheiro compra tudo. Até amor
verdadeiro.”

“Invejo a burrice, porque é eterna.”

“O brasileiro é um feriado.”

“A educação sexual só devia
ser dada por um veterinário.”

“Na vida, o importante é fracassar.”

Sempre palavra

O **Cândido** publica um fragmento do *Roteiro Literário – Helena Kolody*, projeto editorial da **Biblioteca Pública do Paraná**. Cada título apresenta um ensaio e uma lista com os locais frequentados pela autora ou autor paranaense retratado na obra

LUÍSA CRISTINA DOS SANTOS FONTES

Autocrítica e muito sensível à crítica, Helena Kolody (1912-2004) colecionou meticulosamente, durante a vida toda, as matérias publicadas a seu respeito; as primeiras, as mais significativas e algumas cartas compõem um álbum organizado por ela. Para que se perceba o nível de importância dada às críticas a seu trabalho, por causa de alguns comentários, abalada, deixou, por exemplo, de compor haicai por anos. Só voltou ao caminho do haicai por incentivo do escritor Paulo Leminski (1944-1989), estudioso do gênero.

Em entrevista ao escritor e professor da UFPR Paulo Venturelli, Helena afirmou: “Sou tão sensível à crítica que, muitas vezes, por causa de certas coisas que foram ditas, deixei de fazer



Haralton Maravalhas



haicai. Eu não confio em mim, não tenho segurança no que faço. Ainda hoje. Veja, não sei quem foi, mas alguém falou que *Ontem, agora* (1991) é um livro de circunstância. Eu já fiquei com medo de voltar a escrever. Só fiz o *Reika* (1993) porque eles me deram o título daí eu tinha uns poemas prontos e me animei a criar outro livro. Mas fico retraída, pensando sempre que está na hora de parar”.

O escritor Paulo Leminski muito a estimulou. Ainda jovem, começando a escrever, falou de seu espanto por Helena já fazer haicai em 1941. Ele estava acabando de descobrir este tipo de poesia. A amizade com Leminski começou quando foram vizinhos no Edifício São Bernardo, na Rua Dr. Muricy, em Curitiba, na década de 1960. Helena já era autora de uns dez livros e Leminski tinha cerca de 20 anos.

Convém observar que a trajetória de Paulo Leminski guarda paralelos com a de Helena Kolody. Ambos trabalharam como tradutores, como professores, apesar da origem ucraniana (de Helena) e polonesa (de Leminski), ambos mergulharam na cultura oriental.

Segundo destaca o crítico literário Miguel Sanches Neto, é a partir de Leminski que Helena Kolody sofre um processo de positivação nas letras paranaenses e brasileiras. Já Wilson Bueno (1949-2010) afirmou o seguinte: “Ela é em si um poema como ser humano, dessas raras pessoas que fizeram do ofício de viver uma arte”. Com Helena, segundo o jornalista Zeca Corrêa Leite, “surge uma das mais límpidas poesias do Brasil de hoje. Poesia extremamente comprometida com a vida, porque a poeta é a vanguarda da vida”.

Formas breves

Quanto ao processo de criação, a “professora de Biologia” Helena Kolody expõe: “Escrevo por prazer. Às vezes, meus poemas afloram por inteiro. São os que chamo vivíparos (olha aí o meu vocabulário de professora de Biologia...) e são os melhores e geralmente estavam hibernando dentro de mim”. Para confirmar o que a autora diz, basta ler um de seus mais conhecidos poemas, “Sempre madrugada”: “Para quem viaja ao encontro do sol,/ É sempre madrugada”.

Outros textos poéticos, segundo ela, podem levar até dois anos para serem gestados, os poemas ovíparos, é só um núcleo que amadurece lentamente, a exemplo de “Dom”: “Deus dá a todos uma estrela./ Uns fazem da estrela um sol./ Outros nem conseguem vê-la”.

Os dois poemas foram publicados, respectivamente, em *Sempre palavra* (1985) e *Poesia mínima* (1986), obras em que

Helena Kolody aborda, com rara sensibilidade e com o predomínio de formas poéticas breves, a metapoesia e a metalinguagem. Tudo o que Helena diz é poesia, quer pela forma rica e imprevisível, quer pela densidade da emoção, quer pela sutileza da intuição, ou ainda pela raridade da observação.

“Dom”, por exemplo, é um de seus poemas mais citados. Helena contou que quando este poema nasceu, era só o primeiro verso. Dormiu dois anos em sua “gaveta de sapateiro” — gaveta em seu escritório em que guardava alguma ideia que aparecia, entre outras coisas, e em que também a escritora escondia por uns tempos os textos que não julgava suficientemente bons para virem a público. Guardou e esqueceu. Quando mais tarde o retomou, percebeu o que estava evidente: nem todos veem a sua estrela. Então trabalhou na ideia. E acabou fazendo o segundo verso assim: uns fazem dela..., mas não gostou do “faz dela”. Precisava experimentar outras fórmulas e chegou a este resultado que é o poema que temos hoje. Perfeccionista, assumia nunca ficar satisfeita, procurando sempre se aprimorar. Por vezes, voltava a formas antigas para se experimentar.

Estado de poesia

Para Helena, o nascimento de um poema vinha da inspiração, de um momento, de um estado de poesia. A maior parte de sua obra foi produzida na escuridão da noite. Por isso, tinha como companheiros de cabeceira um bloco de anotações e uma caneta. Aliás, rascunhar era uma prática usual da escritora, quer para publicações, correspondências, quer, ainda, para as tarefas do dia a dia.

Posteriormente, burilava os poemas. O seu burilar significava, prin-

cipalmente, cortar, o que sempre exige o debruçar-se sobre rascunhos. Muitos poemas antigos foram reduzidos, reescritos, decantados. Ao mesmo tempo, a escritora observou que a poesia, paulatinamente, surgia-lhe cada vez mais enxuta, mais essencial.

O escritor Paulo Leminski sempre destacou Helena Kolody como “o poeta mais moderno de Curitiba”. Foi a primeira mulher a publicar haicai no Brasil, segundo ele, o primeiro poeta a fazer haicai no Paraná. Na verdade, em 1941, apenas poucas experiências no gênero foram desenhadas por Guilherme de Almeida. Em entrevista, Helena conta que se interessou pelo gênero através do *Jornal de Letras* e no aprendizado com a haicaísta paulista Fanny Dupré, com quem trocou correspondência e visitas (no livro *Pétalas ao Vento*, de 1949, Fanny dedicou um haicai a Helena).

No tempo em que foram vizinhos, Paulo Leminski apresentou à poeta o movimento concretista de Haroldo de Campos por intermédio das revistas do movimento: *Invenção* e *Noígrandes*. Convém relevar este talento de Helena Kolody, de circular, com desenvoltura, entre todas as turmas literárias... o que acontece mesmo após sua morte. “Não lhe importam as revoluções estéticas, a migração dos Movimentos, o seu é um fazer ligado à inocência que só as grandes sabedorias abrigam e compreendem”, destacou Wilson Bueno.

Anos mais tarde, em 13 de junho de 1993, Helena Kolody e a escritora Alice Ruiz — companheira de Leminski durante 19 anos e mãe de seus filhos — foram homenageadas pela comunidade nipônica com o nome de haicaísta. Fato raro por serem ocidentais. Helena, *Reika*, e Alice, *Yuuka* (2004).

>>>



ROTEIRO LITERÁRIO | HELENA KOLODY

Carlos Roberto Zanella de Aguiar (Macaxeira)



Wilson Bueno
autografa *Mar
paraguayo* para
Helena Kolody.

Conforme explicação de Alice, o *Ka* dos dois nomes significa flor. Os prefixos *Rei* e *Yuu* são adjetivos, virtudes específicas da flor. Ambos apontam para formas de grandeza. Superlativos para quem pratica a poesia mínima. O

maior da menor poesia (em sílabas). O crítico literário Rodolfo Guttilla destaca que uma das mais valorizadas qualidades do “haicai à brasileira” é a brevidade. Enfatiza também que, já em seu primeiro livro, Helena apresentou haicais que “denotam apuro formal de quem já dominava as regras abrigadas de composição do poemeto”.

Reika, publicado em outubro de 1993, é uma obra composta de haicais e tankas, em uma iniciativa de Nivaldo Lopes, num trabalho de tipografia manual, pela editora Ócios do Ofício, coleção Buquinista, da Fundação Cultural

de Curitiba. Com projeto delicado, o livro tem ilustrações dos artistas Guinski, Denise Roman, Seto (1944-2008) e João Suplicy, e contou com a coordenação editorial de Cassiana Lacerda Carollo. *Reika* tem tiragem única numerada de 150 exemplares e foi uma edição comemorativa dos 81 anos de Helena nos 300 anos de Curitiba.

Tempo & aprendizagem

Pois bem, Helena Kolody, brasileira de uma família de ucranianos, curiosamente, teve seu talento reconhecido na arte de composição nipônica. Mais do que dados de uma realidade mapeada em livros, as fronteiras que vemos aqui são reorganizadas numa tradução que supera quaisquer sotaques.

É bem possível também que estes livros — *Poesia mínima* e *Reika* — tenham o estatuto de uma presença para além do presente, o estatuto de uma presença transformadora, uma presença capaz de subverter a realidade para reinventá-la. O que, aliás, não obstante perturbador, é próprio do mistério que nos constitui e humaniza. À cifra desta derivação, uma reflexão apresenta-se problematizada na materialidade discursiva da totalidade de sua obra: a representação do tempo, aliás, questionamento do homem moderno.

O procedimento sistematizado pela escritora tem sido descrito subliminarmente ao longo deste trabalho, *déjà-vu* nada fortuito. Assim, são temas recorrentes na lírica da escritora: o tempo, a solidão, a memória, a transitoriedade e a permanência, a viagem... Helena Kolody transformou sua sabedoria de vida em poemas cheios de luminosidade, ainda que seus temas possam ser densos e, por vezes, trágicos. Portanto, é admissível apontar três aspectos de sua verve literária: em primeiro lugar, a coerência conceitual no uso da palavra, sinal de uma nítida consciência verbal; segundo, a identificação com suas origens topográficas; e, terceiro, o vínculo de sua sensibilidade espiritual e estética com a inspiração sagrada, inequívoco indício de sua paixão pelo divino.

Leu muito — poesia, é óbvio. Adorava Paulo Leminski e Alice Ruiz. Não dispensava Cecília Meireles, Drummond, Carlos Nejar e Pablo Neruda. Admirava as poesias satíricas de Emílio de Meneses. Entre seus livros, sobressaem quinze títulos de Cecília Meireles, alguns com dedicatória da autora para Helena Kolody, cinco de Andrade Muricy, dois de Baudelaire — em francês —, Drummond, Alphonsus de Guimaraens, Guilherme de Almeida, Mario Quintana, Manuel Bandeira, João Cabral... não sur-



Reprodução



Helena Kolody nasceu em Cruz Machado, em 1912. Estreou com a coletânea de poemas *Paisagem interior*, em 1949. É apontada como a primeira mulher a escrever e publicar haicais no Brasil. Trabalhou como professora e escreveu e publicou vários livros de poesia durante a vida. Morreu em 2004, em Curitiba (PR).



Luísa Cristina dos Santos Fontes nasceu em Barra do Piraí (RJ). Professora aposentada da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), é autora, entre outros, dos livros *Anita Philipovsky – a princesa dos campos* (Biografia, 2002), *Literatura e mulher – das linhas às entrelinhas* (Ensaio, 2002) e *A literatura de autoria feminina em suas interdições* (Ensaio, 2015). O *Roteiro Literário – Helena Kolody*, de autoria de Luísa, faz parte de uma coleção idealizada pela Biblioteca Pública do Paraná, em que cada título traz um ensaio sobre a vida e a obra de um autor paranaense, além de uma relação de locais frequentados pelo escritor ou escritora. Vive em Ponta Grossa (PR).

Imagem de Helena jovem.

preende o fato de serem quase todos livros de poesia e, entre eles, alguns de crítica literária. Carbono e diamante, conformações acordam um mesmo objeto, sem hierarquização deliberada, apenas regimentos diferentes que não necessariamente se confrontam.

Pureza, resistência e riqueza. Acreação mesmo que no reflexo de um espelho. Nesse amálgama de leituras, repleto de significados, sobressai sempre o seu profundo compromisso com a visceralidade da experiência e das aprendizagens. ■

OS EDITORES | EDUARDO LACERDA

Fotos: Rafael Roncato





Um estranho no ninho

Eduardo Lacerda conta sua saga à frente da Patuá, editora independente que em sete anos já publicou mais de 550 títulos, conquistou alguns dos principais prêmios literários do país e tem como ponto de venda um bar, idealizado pelo “faz-tudo” que já foi camelô, quis ser professor e aposta no sucesso de seus autores

JOÃO VARELLA

Ao invés de longas narrativas de fácil apelo, ele aposta na poesia e no conto, os dois patinhos feios do mercado editorial. Parceria com livreiros e espaço em gôndolas e vitrines de livrarias? Que nada. A opção foi abrir um bar, o Patuscada, em funcionamento desde 2015 em Pinheiros, bairro de São Paulo, para promover lançamentos e comercializar os títulos do catálogo de sua editora.

Foi no Patuscada, durante o lançamento de *Tua roupa em outros quartos*, romance de estreia do catarinense Antonio Pokrywiecki, que Eduardo Lacerda, editor da Patuá, recebeu o **Cândido** para uma conversa. Falou de números, acertos e tropeços, sem se esquivar. Edu, como é chamado, se especializou em publicar livros de pequena tiragem, principalmente de poesia.

Fundada em 2011, a Patuá construiu um catálogo que conta com mais de 550 títulos e ganhou prêmios literários relevantes. Em 2013, a paulistana Paula Fábrio conquistou o Prêmio São Paulo de Literatura, na categoria autora estreante acima de 40 anos, com o romance *Desnorteio*. Dois anos depois, a pernambucana Micheline Verunschck levou o mesmo prêmio na mesma categoria, com *nossa Teresa — vida e morte de uma santa suicida*. Além disso, o san-tista Manoel Herzog foi um dos vencedores do Prêmio Jabuti 2015, na categoria poesia, com *A comédia de Alissia Bloom*, e o mineiro Ronaldo Cagiano levou um Jabuti em 2016 com o livro de contos *Eles não moram mais aqui*.

O catálogo ainda conta com autores experientes, como Luiz Bras [pseudônimo de Nelson de Oliveira], que publicou a novela *Não chore* (2016), e o poeta Ruy Espinheira Filho, autor dos livros *Babilônia* (2017), *Milênios e*

outros poemas (2016) e *Noite alta e outros poemas* (2015). Apesar de hoje editar autores veteranos e ter conquistado prêmios, Lacerda segue firme em seu propósito inicial. “Não mudou o objetivo de dar espaço para a literatura brasileira, principalmente poesia, publicando autores estreantes”, diz o editor.

A conversa durou mais de duas horas já descontadas duas breves interrupções para resolver pendências no bar. Lacerda bebeu três garrafas *long neck* de cerveja. Segundo ele, teria tomado dez se não fossem problemas de saúde — teve complicações por sua diabetes nos últimos meses — e Pricila Gunutzmann, com quem casou em 2017 sob a condição de que cuidasse de sua disposição física. E o bate-papo rendeu: Lacerda também contou sua trajetória até abrir a Patuá, falou abertamente de valores e sobre o ritmo alucinante de publicação — similar a de casas editoriais de grande porte — necessário para a sobrevivência de sua editora independente: “Tenho de publicar 15 livros por mês, de outra forma eu não consigo manter a estrutura”.

Qual é o seu grande acerto na carreira de editor? O que te deixa orgulhoso?

Publicar autores estreantes que agora estão com uma carreira bacana. Não significa ganhar prêmio ou resultado de venda de livros, mas são pessoas dedicadas à literatura. Teve gente que montou a própria editora ou foi para editora grande. São artistas na estrada, que daqui a 30 ou 40 anos continuarão escrevendo.

Pode citar um exemplo?

A Juliana Bernardo, autora do primeiro livro da Patuá, *Carta Branca*, há sete anos, depois lançou outro >>>



OS EDITORES | EDUARDO LACERDA

livro chamado *Vitamina*. Ela foi trabalhar na editora Maloquerista. Fez uma porrada de livros com tiragem bem alta, principalmente de poetas que vendem na rua, de mão em mão. Eles não vão estar em livrarias, não vão ganhar prêmio, não têm resenha, mas vendem 5 mil exemplares.

E o outro lado, como você lida com os autores que desistem?

Literatura pode dar uma grande frustração. Muita gente lança pensando no sucesso imediato e não é bem assim. É muito ruim: vejo autores reclamando por não serem lidos, e que deixam de publicar por isso. Mas o que é “ninguém ler”? Há autores que vendem 100 livros e isso é uma marca que autores grandes não atingem. Às vezes o cara tem um livro bacana, mas por não ser convidado para a Flip [Festa Literária Internacional de Paraty] acha que ninguém o lê. Isso me deixa um pouco chateado.

Tem quem veja editora pequena como um trampolim?

Às vezes sim e eu incentivo alguns autores a mudar para editoras grandes. É melhor no sentido de ser uma empresa maior, mais profissional, que conta com boa distribuição, comercializa em livrarias, dispõe de assessoria de imprensa, tem um apoio maior. Em alguns aspectos é melhor, em outros não. Se sair da editora pequena de uma maneira honesta, não causa frustração. Não quero desdenhar de ninguém, mas autor bom não falta.

Qual é o teu maior arrependimento como editor?

Alguns autores que deixei de publicar. Mas se estão em boas editoras, não é uma frustração, é uma alegria. Bom que

seguiram um caminho legal, mas não tem frustração, mágoa. O erro foi meu.

O que é um bom texto literário?

Cara, difícil essa pergunta. Quando você fala em texto literário bom, está automaticamente falando que existe texto literário ruim.

Essa é exatamente a minha próxima pergunta.

Então respondo tudo agora. As escolhas de uma editora independente são muito subjetivas. Nem sempre é o melhor. Posso no momento ler, gostar muito e seis meses depois não achar tão legal. E vice-versa. Se tivesse de colocar critérios de leitura, poderia encher linguiça e dizer que o autor segue uma tradição e renova essa tradição, blá, blá, blá. Isso é bobagem. Se o texto te pega, você quer publicar. Dá para perceber autores comprometidos com a literatura, que leem e dialogam com seus pares, ao mesmo tempo que colocam uma proposta nova, algo próprio. Dá muito tesão receber livros de garotos e garotas jovens, de 20 e poucos anos, nos quais você percebe um amor pela literatura. Hoje [11 de novembro de 2017], por exemplo, estou lançando um autor de Joinville, Antonio Pokrywiecki. Ele queria lançar em São Paulo. Disse para ele que talvez não viesse ninguém. Ele insistiu, afirmou a importância de se conhecer as pessoas. É um romance muito bom. É legal acreditar nessas pessoas.

A Patuá arrisca?

Fui questionado se publicando mais de 500 títulos a Patuá ainda é uma editora independente. Ao publicar um autor ou uma autora que vende 30 exemplares, mas com uma poesia baca-

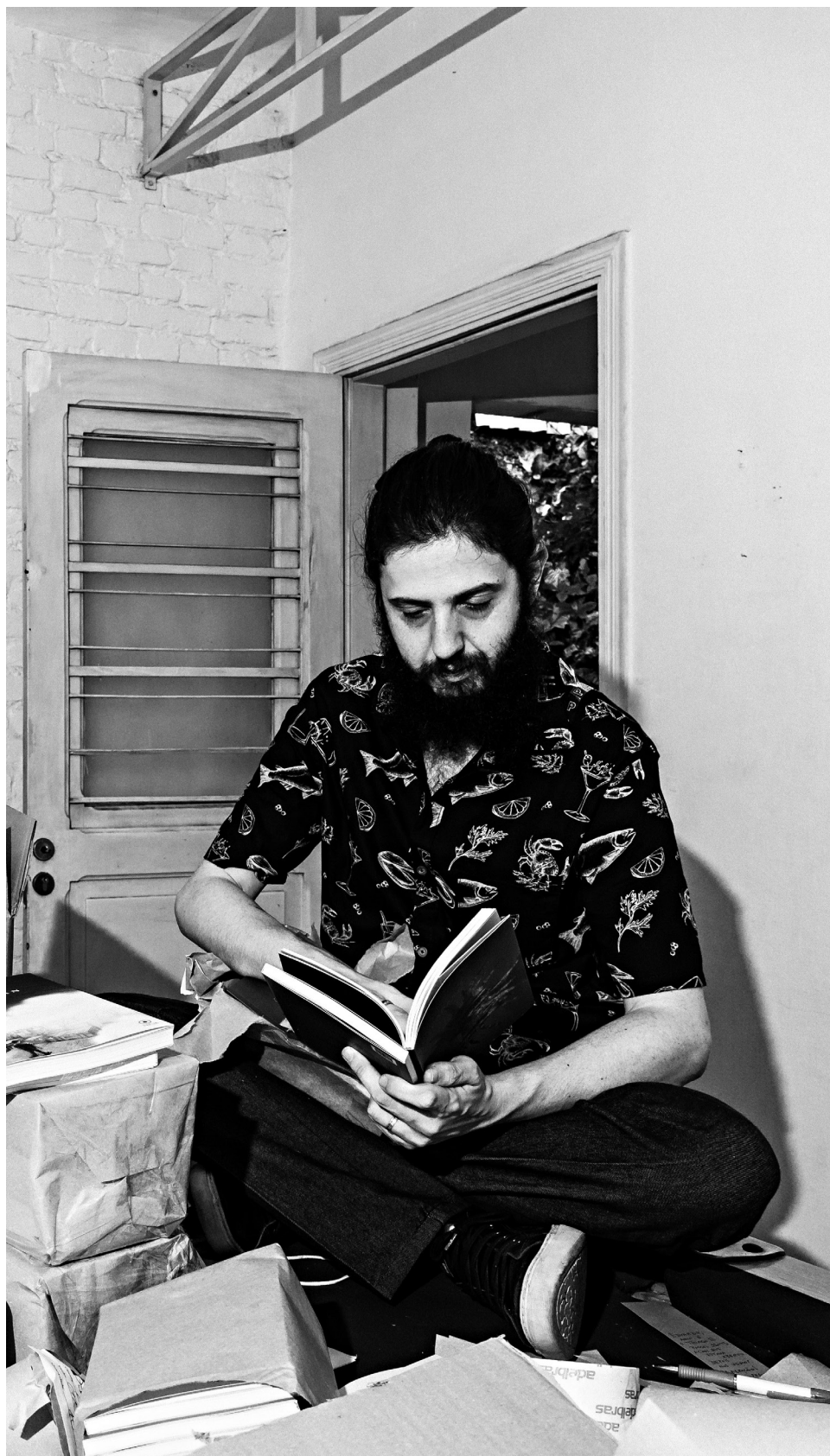


“ Ao publicar um autor ou uma autora que vende 30 exemplares, mas com uma poesia bacana, é tomar risco, é ser independente. Se eu não fosse independente, eu teria só quantidade e não qualidade.”

na, é tomar risco, é ser independente. Se eu não fosse independente, eu teria só quantidade e não qualidade. É claro, preciso manter a editora. Não posso só vender dez exemplares por autor, infelizmente. Tenho de pensar que num mês posso arriscar mais, num outro preciso de livros que vão se pagar. Não é mecenato, não sou um cara rico gastando dinheiro da família — sem crítica aos que fazem isso, pelo contrário, se eu pudesse faria o mesmo. O legal é publicar gente muito jovem ou muito velha, em uma zona de exclusão, seja ela qual for. Os livros da Patuá são mais tradicionais, tamanho 14 por 21 [centímetros, uma medida econômica por questão de aproveitamento de papel]. Estamos muito mais próximas de uma editora tradicional como a Companhia das Letras no sentido de como produz o livro do que de uma editora alternativa.

Há um papel social na função de editor?

Sempre tem. A longo prazo, se as pessoas da cadeia do livro não formarem leitores, vai todo mundo para o buraco. Publicando livros você forma leitores. O primeiro leitor dos livros da Patuá são os amigos e a família do autor. O cara está lendo porque é o livro



do amigo, mas se ele gostar ele vai ler um próximo autor, dando chance para leitores de fora do circuito [literário].

Uma das políticas da Patuá é publicar o mesmo número de homens e mulheres. Por quê?

Isso não é um papel social exatamente. Recebo tantos livros bons de homens quanto de mulheres. Essa divisão não é papel social, é papel de editor. Também acontece com autores negros, que são bons autores e merecem ter espaço. Uma Conceição Evaristo ficou quanto tempo longe das grandes editoras? O Edimilson de Almeida Pereira, que lançou agora um livro pela Patuá, está publicando há 30 anos. Aí é chamado para a Flip, várias editoras começam a se interessar.

Qual é a tiragem dos livros da Patuá?

Fazemos uma tiragem inicial de 60 a 100 exemplares e todos os autores recebem cinco exemplares. Aí o autor fala “pô, mas é pouco”. Assim são os primeiros 100. A partir do centésimo, ele passa a receber 10% do preço de capa. De 550 autores uns 50 passaram desse número com vendas pelo preço de capa. Tenho autores que venderam mais, mas aí é o próprio autor que compra com desconto e vende. Se o autor falar para mim que vai participar de um evento, ele compra com 40% de desconto, vende ao preço de capa e ganha em cima. Ninguém é obrigado a comprar, é uma decisão de cada um. Enquanto isso, o livro está no site da editora para o caso de algum leitor que queira comprar. Há autor que já vendeu 300 livros pelo site. Tem a ver com a capacidade de cada um de vender. É risco zero para o autor. Ele ganha menos, mas é risco zero. Se ele quiser >>>

OS EDITORES | EDUARDO LACERDA

pode procurar uma outra editora e arriscar pagando [para ser publicado], vai ganhar mais, mas é arriscado. Tenho autor que não chega a 30 exemplares, já tive autor que vendeu apenas um livro. Quem entra na Patuá está dentro de um grande projeto, quem vende mais acaba ajudando quem vende menos.

Qual é a infraestrutura editorial da Patuá?

Eu e o Ricardo Ribeiro, que entrou há pouco para ser assistente editorial. Mas ainda há algumas funções que ele não faz, como emitir nota fiscal, ir aos Correios, cuidar do bar, ou seja comprar cerveja, limpar banheiro, atender as pessoas. A leitura dos originais sou eu quem faz. Ele cuida depois da minha decisão. Ele organiza os arquivos, faz uma nova leitura, faz uma revisão, passa para o diagramador ou ilustrador escolhido para fazer aquela obra.

Não é muita coisa só para vocês dois?

É coisa demais. A revisão é um problema da Patuá muito sério. Passar para um revisor um livro que vende 20 exemplares eu não consigo. A gente recebe muita oferta de revisão por R\$ 100. Isso é exploração de mão de obra, não quero, prefiro um livro mal revisado. A gente faz uma leitura, mas sempre acaba passando uma coisa ou outra. Tenho de publicar 15 livros por mês, de outra forma eu não consigo manter a estrutura, sendo que uma obra dá prejuízo de R\$ 2 mil, outra dá lucro de R\$ 3 mil e aí nesse balanço consigo pagar as contas. Quando eu comecei a Patuá sonhava que no mínimo um livro venderia 200 exemplares logo na noite de lançamento. É irreal. Se fosse assim, todo mundo faria livro. Dá trabalho, dá prejuízo, dá custo, dá gasto. E dá trabalho.

O modelo da editora mudou em algum ponto desde a sua fundação?

Não mudou o objetivo de dar espaço para a literatura brasileira, principalmente poesia, publicando autores estreantes, embora não só. Baixou a tiragem, tem livro que eu sabia que ia vender 50 exemplares e fiz 60, correndo o risco de no lançamento 80 pessoas quererem comprar e o autor ficar sem livro. Nós vendemos cada vez menos. E no começo já não era muito, então eu baixei a tiragem.

Isso afetou o preço de capa dos livros?

Não. A gente consegue fazer dez exemplares no mesmo preço de 100. Talvez caia um pouquinho o custo, fazendo 100 eu pagaria R\$ 7, fazendo 10 eu pagaria R\$ 7,80. Não adianta também fazer 100 e ter 50 livros parados pelos R\$ 0,80 do unitário. Não gostaria de chegar para um autor e dizer: “Olha, eu vou fazer teu livro de graça, mas você precisa vender ao menos 40”. Isso viabiliza muita editora bacana, mas eu me sinto constrangido. Tenho problema de lidar com dinheiro e pessoas. Tenho uma trava pessoal. A Patuá não se profissionalizou muito.

Seu tempo de camelô não ajudou nessa parte comercial?

É, mas essa história o pessoal confunde, acha “nossa, o cara foi camelô, é tipo Silvio Santos”. Meu pai tinha uma loja na região da [rua] 25 de Março [tradicional ponto de comércio popular no centro de São Paulo], de bijuteria e papelaria. E faliu. Ficou devendo para um agiota um valor altíssimo, hoje daria mais de R\$ 1 milhão. E ele ficou desesperado. Eu estava no segundo mês de uma faculdade particular, a São Judas. Aí fui trabalhar de camelô durante

6 meses. Ele tinha os produtos já comprados. Teve um período que eu precisei fazer isso e faria de novo.

Você era um bom vendedor?

Era. Vendia melhor que livro. Livro tem um apego muito grande, coloco meu nome ali, uma coisa de ego. Quando você está vendendo bijuteria é só anel, é só bijuteria. Se eu vejo um livro com uma orelha um milímetro torta eu sinto vergonha. Ninguém percebe, o leitor, o autor, outro editor, ninguém. Mas aquilo fica martelando na minha cabeça. Agora meu pai montou um negócio pequeno dentro de casa, faz roupa para umbanda e candomblé.

Teve de abandonar a São Judas?

Sim, estou devendo até hoje lá. Depois fui trabalhar como atendente de telemarketing em Guarulhos, levando três horas para ir e três horas para voltar, nada que outro brasileiro não tenha feito. Passei em Letras na USP, morei no Crusp [Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo], ganhei bolsa, fiquei estudando. Não me formei, mas fiquei lá.

Letras sempre foi a primeira opção?

Queria ser professor. Não era um leitor muito bom. Tinha em casa livros do Círculo do Livro, Paulo Coelho e Zíbia Gasparetto. O primeiro livro mais sério que eu li foi aos 12 anos, *A idade da razão*, do Jean-Paul Sartre. É uma porrada. Não entendi porra nenhuma também, não estou me vangloriando. Gostava muito mais de Paulo Coelho. Quando entrei na USP tinha um negócio chamado Cordel de Letras, um muralzinho para colocar poemas. Aí eu comecei a cuidar daquilo.





“ Posso no momento ler, gostar muito e seis meses depois não achar tão legal. E vice-versa. Se tivesse de colocar critérios de leitura, poderia encher linguiça e dizer que o autor segue uma tradição e renova essa tradição, blá, blá, blá. Isso é bobagem. Se o texto te pega, você quer publicar.”

Era uma ação do centro acadêmico?

Sim, do centro acadêmico. Mas era meio abandonado. Centro acadêmico não existe nem nunca existiu na Letras. Comecei a cuidar, a postar poemas de vários autores e a frequentar muito a biblioteca da Letras. Lia muito, todo dia. Aí nessa época comecei a frequentar um grupo de escritores de Santo André [cidade da Grande São Paulo] na Casa da Palavra. Eles faziam fanzine e eu passei a fazer fanzine na Letras também. Imprimia frente e verso, grampeado. Queria fazer uma revista literária. Enchi o saco do mundo inteiro, até falar com o diretor do curso para ver se ele não daria um apoio. Ele falou: “dinheiro não posso dar, mas posso dar a gráfica”. A gente não precisava de mais nada mesmo. Um aluno revisou, outro diagramou, eu meio que editei. A revista *Metamorfose* pode ser considerada meu primeiro trabalho como editor. Não era um nome muito criativo. Anos depois a Andréa Catrópa, uma professora e escritora bem bacana, mais velha, quis ser coeditora. O segundo número da revista ficou bem melhor. Mas foi o último.

Depois você fez outra publicação?

Em 2005 começamos a FLAP, Festa Literária Alternativa a Paraty. Aquela bobagem, não fui chamado para um negócio legal, a Flip, então vamos fazer um negócio alternativo. É uma bobagem, mas precisa ter. A revolta ingênua é legítima. Fiz um evento muito legal no Espaço dos Satyros [teatro localizado no centro de São Paulo], mais de 400 pessoas em dois dias de leitura de poesia, debates, etc. A gente fez um fanzine chamado *O casulo à espera da metamorfose*, que era para ser uma coisa menor, meio que regrediu, não era uma revista, não tínhamos dinheiro para fazer uma revista. Aí depois eu fui demitido da empresa de telemarketing. Três anos depois eu pude sacar o FGTS e vi a Guaru Gráfica. Queria fazer um jornal. Custava R\$ 300 para rodar 3 mil exemplares de um jornal de 8 páginas. Eu não tinha esse dinheiro. Saquei meu FGTS, aí o [escritor] Marcelino Freire deu R\$ 30. Depois a Mercearia São Pedro pagou para ter um anúncio. Eu só precisava da grana para imprimir o negócio. Comprei o [software] Corel Draw pirata, apanhei bastante e diagramei. Ficou bem tosco, mas saiu.

Procurou outro emprego?

Perguntei ao [escritor e crítico] Reynaldo Damazio como era para trabalhar na Casa das Rosas. Ele me indicou o Frederico Barbosa [então presidente da Casa das Rosas], que não queria me dar o emprego. “Edu, você vai ficar servindo água, carregando cadeira”. E para ganhar R\$ 400 por mês sem vale transporte. Mas aceitei. Trabalhando na Casa das Rosas tive conta-

to com poetas, professores, pessoas que depois eu viria a publicar na Patuá.

Hoje a Patuá tem a Patuscada praticamente como única livraria. Por quê? Os autores não reclamam?

Reclamam muito. Coloco isso até em contrato. Quando comecei a Patuá, o contrato tinha uma página e meia. Hoje tem quatro. A maioria não lê, mas se não colocar no papel é pior ainda. Sobre livraria: você faz um livro hoje, com uma tiragem que não é tão pequena, aí eu peguei uma autora como a Ana Santos. O livro dela é maravilhoso, foi publicado em vários veículos, recebeu um bom destaque no [jornal] *Rascunho*. Fiz 100 exemplares, com três páginas coloridas. De impressão foi R\$ 9 por exemplar. O diagramador cobra R\$ 600. Aí tem que tirar ISBN [espécie de CPF dos livros], os gastos da editora, contador... no final das contas o livro sai para mim uns R\$ 20. Eu vendo o livro a R\$ 38. Se eu colocar na Livraria Cultura, vou estar pagando para editar. Até aí tudo bem. Digamos que no lançamento vendeu 50 exemplares, pagou os custos. Compensaria colocar na Cultura, mesmo para ganhar só 50%. Você paga o frete, você tem de cobrar, eles levam 90 dias para pagar. Aí a Cultura, dizem, está dando calote. E a estratégia deles é colocar livro de editora pequena no site, se vender pede para a editora. Qual é a diferença da pessoa comprar no site da Cultura ou no site da Patuá? Lá aceita crédito, débito, PagSeguro, depósito em conta, boleto bancário. Eu tenho frete único para o Brasil inteiro. A Cultura para vender para o Maranhão vai cobrar R\$ 30. As pessoas têm dificuldade em se abrir para o que é diferente. ■

> NA PRÓXIMA EDIÇÃO, ENTREVISTA COM **MARIA AMÉLIA MELLO**.

CLIQUE

EM CURITIBA



“Curvas” é o título deste ensaio inédito de **Mariana Canet**, por meio do qual a fotógrafa apresenta sinuosidades, ziguezagues e algumas peculiaridades de Curitiba. Na capital paranaense, ela já expôs no Museu Alfredo Andersen e no MON — além de ter exibido alguns de seus trabalhos em cidades europeias, entre as quais Londres e Madri. A partir de 1.º de março, fotos de Mariana com intervenções manuais de Carmen Lucia Solheid Kremer entram em cartaz no Museu Guido Viaro, em Curitiba — a mostra se chama “O limite do concreto” e segue em exposição até 1.º de abril.



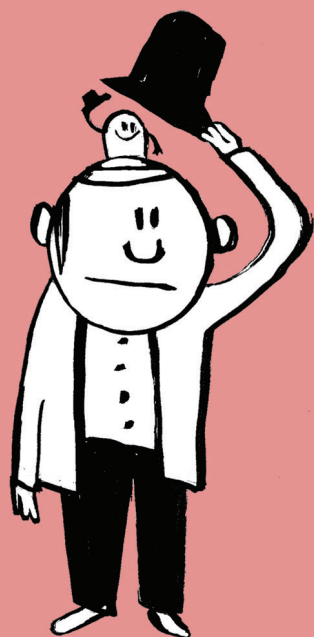


I

escrevo para ser livre embora
o mundo este cruel penhasco sempre nos diga
não
não serás nada além de uma mulher e suas correntes
e pena nenhuma mudará isso embora
a minha pena
seja esta mesma

II

para ser livre há que primeiro prender-se
seduzir o predador com ares de presa estúpida
mansa
apenas para que ele já salivando
abra a fechadura da cela e diga
vá, minha presa, ser livre neste mundo.
te espero na volta ■



 **Bruna Kalil Othero** é autora os livros de poemas *Poétiquase* (2015) e *Anticorpo* (2017). Nasceu em 1995 em Belo Horizonte (MG), onde vive.